



PSICANÁLISE

ESTUDOS COLIGIDOS

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

2025

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

PSICANÁLISE

ESTUDOS COLIGIDOS

Editora Pascal

2025

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Adelcio Machado Dos Santos

Conselho Editorial

Dr. Gabriel Nava Lima

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr^a Eliane Rosa da Silva Dilkin

Dr^a Samantha Ariadne Alves de Freitas

Dr. Claudio Alves Benassi

Dr^a Giselle Cutrim de Oliveira Santos

M.Sc. Fernanda Tabita Barroso Zeidan

M.Sc. Marco Aurélio Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237a

Santos, Adelcio Machado dos

Psicanálise: estudos coligidos / Adelcio Machado dos Santos — São Luís: Editora Pascal, 2025.

60 f. : il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-205-4

D.O.I.: 10.29327/5708339

1. Psicanálise. 2. Teorias psicanalísticas. 3. Educação. 4. Formação de professores. I. Santos, Adelcio Machado dos. II. Título.

CDU: 159.964.2:37.013

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

*Livro dedicado a
José Martins Lara*

“Tornar consciente o inconsciente é o objetivo do tratamento psicanalítico. Este processo permite que o ego, inicialmente impotente diante das exigências inconscientes, se fortaleça e passe a dominar essas forças internas, conduzindo a uma maior harmonia psíquica”.

FREUD (1915, p. 168)

PREÂMBULO

Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos

Esta obra, *Psicanálise – estudos coligidos*, dá continuidade a um percurso iniciado com o primeiro volume, aprofundando investigações teóricas e clínicas que se inscrevem no cerne do pensamento psicanalítico. Este novo volume é, ao mesmo tempo, desdobramento e reelaboração: parte de fundamentos já estabelecidos, mas se move rumo a zonas ainda não plenamente iluminadas, mantendo vivo o espírito investigativo que sempre caracterizou a tradição da psicanálise desde Freud.

Em tempos nos quais a complexidade do sofrimento psíquico parece se intensificar e tomar formas inéditas, a prática clínica demanda, mais do que nunca, uma escuta rigorosa, uma leitura sensível do sujeito e, sobretudo, uma capacidade constante de interrogar os próprios conceitos que sustentam o trabalho analítico. É neste contexto que este segundo volume se insere, trazendo à tona temas que não apenas ampliam os horizontes da teoria psicanalítica, mas também tensionam e questionam suas fronteiras.

O leitor encontrará aqui uma série de estudos que, mesmo distintos em seus focos específicos, compartilham uma inquietação comum: o desejo de pensar a clínica em sua radicalidade, a partir de uma escuta que se recusa a reduzir o sujeito a categorias diagnósticas rígidas ou a protocolos terapêuticos normativos.

Em vez disso, cada autor que aqui contribui se empenha em escutar aquilo que, na experiência analítica, insiste como resto — como aquilo que resiste à simbolização, ao sentido pleno, e que, por isso mesmo, constitui o real da clínica. Esta é uma psicanálise que não se contenta com a repetição de fórmulas consagradas, mas que busca, em cada caso, restituir a singularidade da fala, do sintoma, do desejo.

Ao longo das páginas, reencontramos conceitos fundamentais — como transferência, pulsão, inconsciente, desejo, gozo — revisitados à luz de novos impasses clínicos e sociais. Esses conceitos não são tratados como dogmas, mas como ferramentas vivas, que precisam ser constantemente retrabalhadas diante das transformações subjetivas e culturais do presente. O psicanalista, como se sabe, é alguém que deve sustentar o não-saber, aquele que se recusa a ocupar o lugar do mestre.

E é nessa lógica que se constroem os estudos aqui reunidos: não como verdades a serem seguidas, mas como proposições que convidam à reflexão, ao debate e ao deslocamento.

A estrutura da obra reflete esse espírito de abertura. Os capítulos transitam

entre o rigor conceitual e a prática clínica, entre o diálogo com textos fundadores da psicanálise e o confronto com questões emergentes da contemporaneidade.

À guisa de exemplo, estudos que se dedicam a pensar a adolescência a partir das novas formas de laço social; outros que se interrogam sobre a incidência do discurso capitalista na constituição do sintoma; há também aqueles que exploram os limites entre o psíquico e o somático, problematizando o lugar do corpo na clínica atual.

Em comunhão, todos os textos apontam para a necessidade de uma escuta que acolha o mal-estar sem antecipar respostas, que suporte a angústia sem eliminá-la, e que se mantenha fiel à ética da psicanálise: a ética do desejo, da singularidade, do sujeito.

Não menos importante, este volume se apresenta como espaço de interlocução entre diferentes gerações de analistas, entre tradições teóricas diversas, entre estilos distintos de escrever e pensar a psicanálise. Essa multiplicidade é, em si, um valor: sinaliza que a psicanálise não é um corpo teórico unívoco, mas um campo em constante elaboração, que exige dos que nela se engajam uma postura de responsabilidade frente ao saber e, sobretudo, frente à prática clínica.

Se há uma aposta neste volume, ela está no gesto de sustentar essa pluralidade sem perder de vista a coerência interna de uma abordagem que tem, na escuta do inconsciente, seu eixo estruturante.

Tal como no primeiro volume, Estudos de Psicanálise II reafirma seu compromisso com uma psicanálise comprometida com a complexidade da subjetividade, com a singularidade da experiência clínica e com o constante desafio de pensar o novo sem abandonar os fundamentos.

É um convite à leitura atenta, à reflexão crítica, e à implicação ética que todo ato analítico exige. Este livro, portanto, não pretende oferecer um saber pronto, mas abrir caminhos para o pensamento, para o questionamento e, quem sabe, para novas formas de presença na clínica e na teoria.

Ao colocar em circulação estes estudos, queremos afirmar que a psicanálise segue viva. Não apenas como herança de um saber já estabelecido, mas como campo de criação, de investigação e de responsabilidade. E, nesse movimento, cada leitor, cada analista, cada sujeito convocado por estas páginas é também parte do trabalho em curso.

Em epítome, a Psicanálise, tal como este livro testemunha, constitui-se, acima de tudo, em área sob permanente construção.

BIOGRAFIA DO AUTOR



O Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos é psicanalista e filósofo.

Doutor e Pós-Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Bacharel e Licenciado em Filosofia.

O núcleo temático de estudo envolve as linhas de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade, Estudos Culturais e Filosofia da Interdisciplinaridade.

Ex-Reitor, coordenador de curso, vogal da Comissão Própria de Avaliação (CPA), Núcleos Docentes Estruturante (NDE) e colegiado de curso.

Integrou os Conselhos Estaduais de Educação, Cultura e Desportos em Santa Catarina.

Militou no “staff” da Assembleia Constituinte de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Tribunal de Contas de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Fazenda.

Revisor científico de projetos, eventos, editoras e periódicos.

Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Vogal das seguintes instituições: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos de Lazer (ANPEL), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração (ANPAD), Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito (CONPEDI), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) e Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. (ABRACE).

Registrado nas seguintes organizações de controle corporativo/SC: CORECON, CREA, CRA, CRQ, CONTRERP, OAB, CRBio.

Deu a lume a 83 livros, 165 capítulos de livros e 432 artigos científicos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663595207403860>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

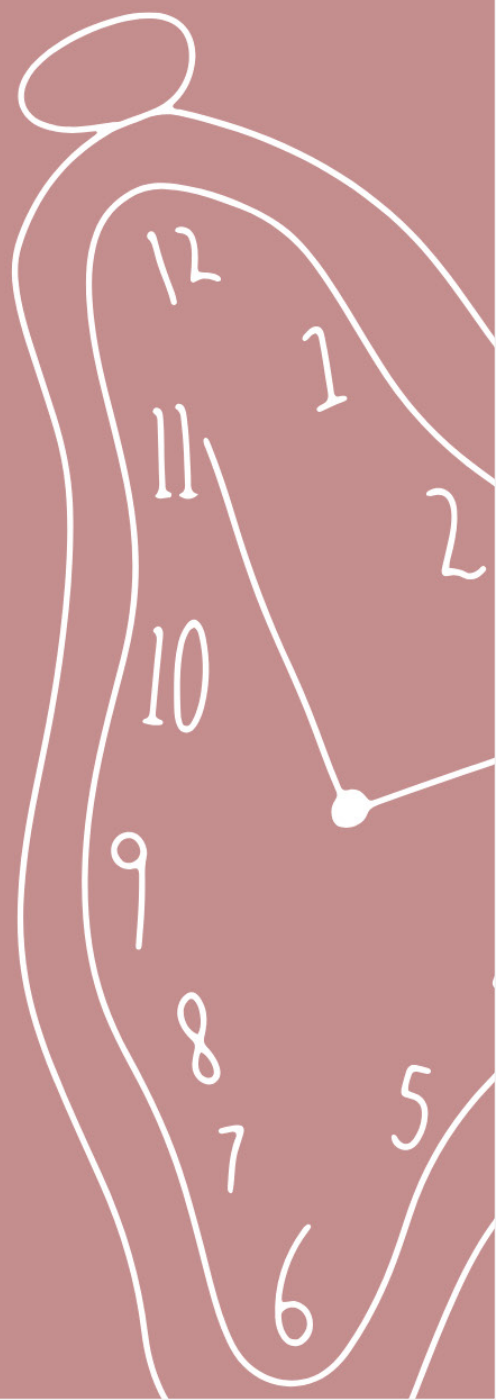
SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
<i>INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE: fundamentos, teorias e aplicações</i>	
CAPÍTULO 2	26
<i>A INTERAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO</i>	
CAPÍTULO 3	43
<i>FILOSOFIA E PSICANÁLISE - INTERAÇÃO FECUNDA</i>	
CAPÍTULO 4	46
<i>PSICANÁLISE E ARTE: criação, ruptura e subjetividade</i>	

1

INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE: fundamentos, teorias e aplicações

**INTRODUCTION TO PSYCHOANALYSIS:
foundations, theories and applications**



Resumo

Este artigo propõe uma introdução abrangente à psicanálise, abordando seus fundamentos, principais teorias e aplicações clínicas, educacionais e culturais. Inicialmente, explora-se o contexto histórico e as origens do pensamento psicanalítico a partir da obra de Sigmund Freud, evidenciando os conceitos centrais como o inconsciente, os mecanismos de defesa e a sexualidade infantil. Em seguida, são discutidas as principais formulações teóricas da psicanálise, incluindo a teoria do desenvolvimento psicosexual e a teoria dos sonhos, além de outras contribuições relevantes de autores como Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan. O artigo também apresenta a diversidade de aplicações da psicanálise, destacando sua importância não apenas na clínica, mas também na compreensão dos processos educativos e das manifestações culturais. Por fim, são examinadas as críticas contemporâneas à psicanálise — referentes à sua cientificidade, ao viés de gênero e ao diálogo com outras disciplinas — bem como os desenvolvimentos recentes que buscam atualizar sua prática frente às demandas do mundo atual. Ao integrar tradição e inovação, a psicanálise reafirma seu papel enquanto saber e prática comprometidos com a escuta e a elaboração do sofrimento humano.

Palavras-chave: psicanálise; Freud; inconsciente; teorias psicanalíticas; Aplicações clínicas e sociais.

Abstract

This article offers a comprehensive introduction to psychoanalysis, addressing its foundations, main theories, and clinical, educational, and cultural applications. It begins by examining the historical context and origins of psychoanalytic thought based on the work of Sigmund Freud, highlighting central concepts such as the unconscious, defense mechanisms, and infantile sexuality. Next, it discusses the main psychoanalytic theories, including the psychosexual development theory and the dream theory, along with other important contributions by authors such as Melanie Klein, Donald Winnicott, and Jacques Lacan. The article also explores the wide range of psychoanalysis applications, emphasizing its relevance not only in clinical practice but also in understanding educational processes and cultural manifestations. Finally, it examines contemporary criticisms of psychoanalysis—concerning its scientific status, gender bias, and engagement with other disciplines—as well as recent developments that aim to update its practice in response to modern challenges. By integrating tradition and innovation, psychoanalysis reaffirms its role as a field of knowledge and practice committed to listening and elaborating on human suffering.

Keywords: psychoanalysis; Freud; unconscious; psychoanalytic theories; clinical and social applications.

1 INTRODUÇÃO

A Psicanálise, desde sua criação no final do século XIX por Sigmund Freud, estabeleceu-se como um dos mais influentes campos do pensamento contemporâneo, extrapolando os limites da psicologia e alcançando a filosofia, a arte, a educação e os estudos culturais. Como método clínico, teoria da mente e abordagem investigativa do inconsciente, a Psicanálise se firmou na história do saber ocidental por sua ousadia em explorar os conteúdos latentes da psique humana, revelando conflitos internos, desejos reprimidos e mecanismos inconscientes que moldam o comportamento individual e coletivo.

Ao propor que grande parte do que somos não é plenamente acessível à consciência, Freud revolucionou os paradigmas sobre a constituição do sujeito e abriu caminho para novas formas de escuta e compreensão do sofrimento psíquico.

A proposta psicanalítica fundamenta-se na concepção de que os sintomas, os sonhos, os lapsos e os atos falhos não são meros acidentes ou desvios sem sentido, mas manifestações de desejos inconscientes que buscam expressão. A escuta clínica inaugurada por Freud, baseada na associação livre e na interpretação dos conteúdos psíquicos, permitiu uma abordagem inovadora do sofrimento humano, centrada na palavra e na transferência, isto é, na relação estabelecida entre analista e analisando.

Desde então, a Psicanálise evoluiu através das contribuições de diversos pensadores, como Carl Gustav Jung, Alfred Adler, Melanie Klein, Jacques Lacan, Donald Winnicott, entre outros, que ampliaram e reconfiguraram os conceitos freudianos à luz de novos contextos clínicos, sociais e culturais.

Este artigo tem como objetivo oferecer uma introdução aos fundamentos, principais teorias e aplicações da Psicanálise, buscando fornecer ao leitor uma visão geral sobre essa complexa e multifacetada abordagem. A proposta é reunir os aspectos essenciais que compõem o arcabouço teórico psicanalítico, explorando desde os seus conceitos fundadores – como o inconsciente, as pulsões, os mecanismos de defesa e a estrutura da mente – até as teorias do desenvolvimento psicosssexual, da interpretação dos sonhos e da constituição do sujeito.

Ademais disso, serão abordadas as diversas formas de aplicação da Psicanálise, não apenas no âmbito clínico, mas também em áreas como a educação e a análise da cultura, nas quais o olhar psicanalítico tem se mostrado frutífero na compreensão das dinâmicas subjetivas e sociais.

A relevância de um estudo introdutório à Psicanálise justifica-se pela necessidade de compreender, em tempos marcados por intensas transformações subjetivas e sociais, os modos pelos quais o inconsciente se manifesta e influencia a experiência humana. Ao revisitar os pilares da teoria psicanalítica, é possível resgatar

a importância de uma escuta que considera a singularidade de cada sujeito, bem como refletir sobre os desafios contemporâneos enfrentados pela clínica e pela teoria.

Por final, o artigo busca destacar o valor da Psicanálise como campo de conhecimento em constante movimento, capaz de dialogar com as demandas de um mundo em permanente mutação.

2 FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE

A Psicanálise constitui-se como um campo teórico-clínico que teve sua origem no final do século XIX, a partir das investigações de Sigmund Freud, médico neurologista vienense, interessado em compreender os sintomas histéricos que desafiavam a medicina da época.

As observações clínicas de Freud, especialmente em colaboração com Josef Breuer, culminaram no uso da técnica catártica, que demonstrava a eficácia da rememoração e da fala na redução dos sintomas psíquicos. A publicação da obra *Estudos sobre a histeria*, em 1895, marca simbolicamente o início da Psicanálise, ao destacar a importância das experiências inconscientes reprimidas na formação dos sintomas (Freud; Breuer, 1996).

Esse contexto histórico de transição entre o século XIX e XX, fortemente influenciado pelo positivismo, pelo racionalismo e pelas descobertas científicas, foi o cenário no qual Freud rompeu com os paradigmas predominantes ao introduzir o inconsciente como núcleo da subjetividade humana.

A construção teórica da Psicanálise também deve ser compreendida em articulação com os avanços da medicina, da filosofia e da cultura europeia da época. Ellenberger (1970) aponta que Freud se baseou em correntes do pensamento filosófico, como o determinismo de Schopenhauer e o inconsciente de Nietzsche, embora nunca tenha assumido esses diálogos de forma explícita. Além disso, os estudos da histeria de Charcot e Janet, com o uso da hipnose, influenciaram decisivamente suas primeiras formulações sobre os estados dissociativos e os processos inconscientes.

A originalidade de Freud, contudo, esteve em dar ao inconsciente um estatuto teórico e clínico central, transformando-o em objeto da investigação psicanalítica.

Com o amadurecimento de suas teorias, Freud desenvolveu uma série de conceitos fundamentais que compõem os pilares da Psicanálise. Dentre eles, destaca-se o inconsciente, entendido como uma instância psíquica que abriga desejos, memórias e conteúdos reprimidos que escapam à consciência, mas que se manifestam de forma indireta nos sonhos, nos atos falhos, nos sintomas e na transferência.

Segundo Freud (2012), o inconsciente funciona segundo o princípio do prazer, sendo regido por uma lógica própria, marcada por condensações, deslocamentos e ausência de contradições. Esse modelo inicial foi complementado mais tarde pela segunda tópica freudiana, que introduziu as instâncias do id, ego e superego, como estruturas que regulam os conflitos psíquicos e orientam o comportamento humano (Freud, 2011).

Outro conceito central é o das pulsões, forças internas que impulsionam o sujeito para a satisfação de suas necessidades e desejos. Freud (2010) distingue, ao longo de sua obra, entre pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte (Thanatos), reconhecendo a presença de tendências autodestrutivas e agressivas na constituição do psiquismo.

A dinâmica entre essas pulsões gera tensões constantes, muitas vezes resolvidas por meio dos mecanismos de defesa, outro eixo fundamental da teoria psicanalítica. Esses mecanismos, como a repressão, a negação, a projeção e a sublimação, são estratégias inconscientes utilizadas pelo ego para lidar com conteúdos ameaçadores ou inaceitáveis (Freud, 2012).

A Psicanálise também se apoia na noção de transferência, isto é, a repetição de padrões emocionais e relacionais inconscientes do paciente em relação ao analista. Essa relação, longe de ser um obstáculo, torna-se o principal instrumento de trabalho clínico, pois possibilita a elaboração dos conflitos e traumas psíquicos. Para Laplanche e Pontalis (2001), a transferência constitui um dos aspectos mais distintivos da prática psicanalítica, exigindo do analista uma escuta atenta e uma postura ética na condução do processo.

Estudos contemporâneos, como os de Zimerman (2004) e Green (1990), reafirmam a atualidade desses conceitos, apontando para a necessidade de atualização e diálogo com novas demandas clínicas e culturais, sem perder de vista os fundamentos originários da teoria freudiana. Assim, os conceitos fundamentais da Psicanálise permanecem como instrumentos cruciais para a compreensão da subjetividade humana, ainda que sejam constantemente revisitados à luz de novos contextos e práticas.

3 PRINCIPAIS TEORIAS DA PSICANÁLISE

A Psicanálise, ao longo de sua consolidação teórica, estruturou diversos modelos conceituais que visam explicar o funcionamento da mente e o processo de constituição do sujeito. Entre as principais teorias desenvolvidas por Sigmund Freud e aprofundadas por seus sucessores, destacam-se a teoria do inconsciente, a teoria estrutural (id, ego e superego), a teoria das pulsões e, especialmente, a teoria

do desenvolvimento psicosssexual.

Esta última desempenha um papel central na compreensão da constituição da sexualidade e da personalidade, ao postular que o sujeito atravessa diferentes fases ao longo da infância, cada uma marcada pela predominância de uma zona erógena e por formas específicas de relação com o prazer e com o outro.

Tais teorias compõem um sistema articulado de interpretação da subjetividade que permanece influente, mesmo diante de críticas e reformulações, como as promovidas por Melanie Klein, Jacques Lacan e Donald Winnicott (Laplanche; Pontalis, 2001; Zimerman, 2004).

3.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

A teoria do desenvolvimento psicosssexual é um dos pilares centrais da construção teórica freudiana e desempenha papel fundamental na compreensão do processo de constituição da sexualidade e da personalidade ao longo da infância. Sigmund Freud, ao romper com a ideia predominante de que a sexualidade surgia apenas na adolescência, propôs que os impulsos sexuais — ou libido — estão presentes desde os primeiros momentos da vida e se manifestam por meio de diferentes zonas erógenas ao longo de fases específicas do desenvolvimento infantil (Freud, 2012).

Essa teoria revolucionária contribuiu significativamente para a desconstrução de tabus em torno da sexualidade infantil, destacando que a sexualidade humana é complexa, multifacetada e estruturada desde a infância.

Freud descreveu cinco fases do desenvolvimento psicosssexual: oral, anal, fálica, latência e genital. Cada uma dessas etapas é caracterizada por uma zona erógena predominante e por desafios psíquicos específicos que, se não forem adequadamente elaborados, podem resultar em fixações ou regressões, gerando conflitos e sintomas neuróticos na vida adulta (Freud, 2012).

Na fase oral, que vai do nascimento até aproximadamente um ano e meio de idade, o prazer está centrado na boca e nas atividades de sucção, alimentação e morder. Nessa fase, os primeiros vínculos afetivos são estabelecidos, e a relação com o objeto — geralmente a mãe — torna-se modelo das futuras relações interpessoais (Zimerman, 2004).

A fase anal, que se estende até cerca dos três anos, é marcada pela aquisição do controle esfinteriano. O prazer se concentra na retenção e expulsão das fezes, e questões ligadas à autonomia, à ordem e ao controle passam a ser centrais. A maneira como os cuidadores lidam com esse período pode influenciar traços de personalidade como rigidez, teimosia ou desorganização.

Em seguida, na fase fálica, que ocorre entre os três e os seis anos, a libido se desloca para os genitais, e é nesse momento que o complexo de Édipo emerge como uma das experiências psíquicas mais significativas. O desejo inconsciente pela figura do genitor do sexo oposto e o sentimento de rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo geram angústia e repressão, sendo essa resolução crucial para a formação do superego e da identidade sexual (Freud, 2011).

A fase de latência, que se estende do final do complexo de Édipo até o início da puberdade, é caracterizada por um recuo das pulsões sexuais. Nesse período, a energia libidinal é sublimada em atividades escolares, esportivas e sociais, facilitando a aquisição de habilidades e o desenvolvimento cognitivo e social. Por fim, na fase genital, que se inicia na adolescência, ocorre o amadurecimento da sexualidade com a busca por relações amorosas e sexuais objetivas, voltadas para fora do núcleo familiar.

A maturidade psicosexual, segundo Freud, implica a integração das experiências anteriores e a capacidade de amar e trabalhar de maneira estável e produtiva (Freud, 2012).

A teoria do desenvolvimento psicosexual foi posteriormente ampliada por outros autores. Erik Erikson (1976), por exemplo, propôs uma abordagem psicossocial que articula as fases do desenvolvimento psíquico com tarefas de identidade e pertencimento ao longo do ciclo da vida. Além disso, críticas contemporâneas, especialmente do campo da psicologia do desenvolvimento e dos estudos de gênero, têm questionado os pressupostos normativos e falocêntricos da teoria freudiana, sem, contudo, ignorar sua contribuição histórica e teórica para a compreensão da subjetividade e da sexualidade.

Destarte, como pontua Zimmerman (2004), a teoria do desenvolvimento psicosexual continua sendo um referencial importante tanto para a clínica psicanalítica quanto para os estudos interdisciplinares sobre a infância, o desejo e a formação da personalidade.

3.2 TEORIA DOS SONHOS

A teoria dos sonhos é uma das contribuições mais emblemáticas de Sigmund Freud para a psicanálise e para a compreensão da mente humana. Considerada por ele como a “via régia de acesso ao inconsciente”, a interpretação dos sonhos permite acessar conteúdos psíquicos reprimidos que escapam à consciência, mas que continuam ativos e influentes na vida psíquica do sujeito (Freud, 2016).

Em sua obra seminal *A Interpretação dos Sonhos* (1899/1900), Freud propôs que os sonhos são realizações disfarçadas de desejos inconscientes, frequentemente

infantis, que foram reprimidos por não se ajustarem às exigências do superego ou à realidade social.

Para Freud (2016), os sonhos não são manifestações aleatórias ou sem sentido, como acreditava a tradição médica e filosófica de sua época, mas sim construções psíquicas com estrutura, lógica e finalidade. O conteúdo do sonho é dividido em duas instâncias: o conteúdo manifesto, que é aquilo que o sujeito recorda ao despertar, e o conteúdo latente, que corresponde aos desejos inconscientes encobertos por mecanismos de censura psíquica. A função da análise dos sonhos, portanto, é decifrar esse conteúdo manifesto para alcançar o conteúdo latente, revelando conflitos, desejos e fantasias inconscientes.

A elaboração do sonho envolve processos como a condensação, o deslocamento, a dramatização e a simbolização. A condensação consiste na reunião de múltiplos significados em uma única imagem onírica; o deslocamento substitui elementos importantes por outros menos significativos, funcionando como forma de disfarce; a dramatização organiza os conteúdos em uma espécie de enredo; e a simbolização transforma conteúdos latentes em imagens simbólicas (Laplanche; Pontalis, 2001).

Esses mecanismos operam sob as leis do processo primário, que rege o inconsciente, diferente do processo secundário da lógica consciente. Assim, o sonho, apesar de sua aparência ilógica, possui coerência quando compreendido a partir da linguagem do inconsciente.

A importância da teoria dos sonhos vai além do campo clínico. Ela influenciou diversos campos do saber, como a literatura, o cinema, a filosofia e as artes visuais, ao propor uma nova forma de pensar o sujeito e sua relação com o desejo. Jung (1978), apesar de divergirem de Freud, também reconheceram o valor dos sonhos como expressão do inconsciente, embora com interpretações mais simbólicas e universais, ligadas ao conceito de inconsciente coletivo.

No campo da psicanálise contemporânea, os sonhos continuam sendo objeto de investigação e prática clínica. Teóricos como Bion e Green reformularam o lugar do sonho, enfatizando sua função de transformação e elaboração psíquica. Bion (1991), por exemplo, introduz o conceito de “função alfa”, através do qual o sonho é visto não apenas como revelador do inconsciente, mas também como uma atividade que permite ao aparelho psíquico metabolizar experiências emocionais brutas.

Nessa perspectiva, sonhar é uma forma de pensar e dar forma às emoções, tornando os sonhos fundamentais para o equilíbrio psíquico.

Posto isto, Bion (1991) reitera que a teoria dos sonhos proposta por Freud permanece como um alicerce essencial da teoria psicanalítica, oferecendo instrumen-

tos para a escuta clínica e para a compreensão da subjetividade. O sonho, longe de ser apenas uma fantasia noturna, revela-se um território privilegiado onde os desejos, angústias e experiências do sujeito se manifestam simbolicamente, fornecendo acesso valioso ao mundo inconsciente.

3.3 OUTRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Ademais das formulações inaugurais de Sigmund Freud, a psicanálise se desenvolveu por meio das contribuições de diversos autores que expandiram, revisaram ou mesmo questionaram os fundamentos da teoria freudiana. As chamadas “outras contribuições teóricas” abarcam um campo vasto de reflexões que mantêm o eixo fundamental da escuta do inconsciente, mas propõem novas abordagens para o desenvolvimento psíquico, a estruturação da subjetividade e a dinâmica das relações humanas. Entre os principais teóricos que ampliaram a psicanálise, destacam-se Carl Gustav Jung, Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan.

Carl Gustav Jung foi um dos primeiros discípulos de Freud, com quem rompeu devido a divergências teóricas fundamentais. Jung desenvolveu a psicologia analítica, na qual propôs o conceito de inconsciente coletivo — um reservatório de imagens arquetípicas universais compartilhadas por toda a humanidade — e uma abordagem simbólica dos sonhos.

Para Jung (1978), o processo de individuação, ou seja, a integração entre o consciente e o inconsciente, era central para a realização psíquica do indivíduo. Essa perspectiva ampliou a compreensão dos processos inconscientes para além da sexualidade infantil e introduziu elementos culturais e mitológicos como instrumentos de análise.

Outra figura central é Melanie Klein, que desenvolveu a teoria das relações objetais e introduziu a psicanálise de crianças. Klein reformulou conceitos importantes, como o complexo de Édipo, ao propor que as experiências edípicas ocorrem desde os primeiros meses de vida. Ela destacou a importância das fantasias inconscientes e da internalização das figuras parentais, que moldam o mundo interno do sujeito. Suas contribuições permitiram avanços na clínica com crianças e na compreensão dos estados psíquicos primitivos (Klein, 1991).

Donald Winnicott, por sua vez, introduziu conceitos fundamentais como “mãe suficientemente boa”, “espaço potencial” e “objeto transicional”. Sua teoria enfatiza o papel do ambiente no desenvolvimento emocional saudável do bebê e destaca a importância do cuidado, da empatia e da possibilidade de brincar como condições para a constituição do verdadeiro self (Winnicott, 2000). Winnicott desloca o centro da teoria psicanalítica do conflito pulsional para a experiência rela-

cional, sendo uma referência para abordagens mais intersubjetivas da clínica.

De outro vértice, Jacques Lacan propôs um retorno a Freud a partir da linguística estrutural e da filosofia. Para Lacan (1998), o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e a entrada do sujeito na ordem simbólica — mediada pela linguagem — é o que possibilita a constituição da subjetividade. Lacan reformulou conceitos como o estágio do espelho, o significante, o desejo e a falta, introduzindo uma perspectiva que alia a psicanálise à cultura, à linguagem e à lógica. Sua teoria teve grande impacto na filosofia, na crítica literária e nos estudos culturais.

Por conseguinte, compreende-se que essas diferentes contribuições demonstram que a psicanálise não é uma teoria monolítica, mas sim um campo em constante transformação, aberto ao diálogo com outras disciplinas e à complexidade da experiência humana.

Embora partam de fundamentos freudianos, os desenvolvimentos teóricos propostos por Jung, Klein, Winnicott e Lacan ampliam significativamente as possibilidades de compreensão e intervenção clínica, mantendo viva a vitalidade e a relevância da psicanálise no mundo contemporâneo.

4 APLICAÇÕES DA PSICANÁLISE: BREVE PANORAMA E DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS

É possível observar os desdobramentos da teoria psicanalítica em diferentes campos do saber e da atuação humana. Embora nascida no contexto médico e clínico, a psicanálise ultrapassou os limites do consultório e passou a dialogar com outras áreas como a educação, a cultura, a arte, a política e a sociedade em geral.

Esse movimento evidencia o caráter interdisciplinar da psicanálise, cuja escuta do sujeito e investigação dos processos inconscientes podem ser mobilizadas para compreender fenômenos individuais e coletivos, sempre levando em conta os aspectos simbólicos, afetivos e inconscientes da experiência humana.

A clínica psicanalítica constitui o núcleo original e mais tradicional de aplicação da psicanálise. Desde Freud (2016), o tratamento psicanalítico se baseia na escuta atenta do sofrimento psíquico, na associação livre e na interpretação dos conteúdos inconscientes que emergem no discurso do analisando. A clínica visa promover um processo de elaboração psíquica, possibilitando que o sujeito encontre outras formas de lidar com seus conflitos, angústias e repetições.

O “setting” analítico, estruturado a partir de uma posição ética e de uma escuta não diretiva, oferece um espaço de simbolização que permite a emergência do desejo e a construção de novas significações. A transferência, conceito fundamental na clínica, é compreendida como a atualização, na relação com o analista, de

vínculos afetivos inconscientes originados nas primeiras experiências do sujeito.

A escuta do analista, que se sustenta pela atenção flutuante e pela neutralidade técnica, permite que o sujeito fale de si, se reconheça em seus sintomas e possa transformá-los (Laplanche; Pontalis, 2001).

Nas últimas décadas, a clínica psicanalítica expandiu-se para diferentes configurações: atendimento em instituições, intervenções breves, psicoterapia de grupo e escuta em contextos sociais vulneráveis. Essa ampliação, longe de descaracterizar a psicanálise, reafirma sua capacidade de se reinventar sem perder seus fundamentos teóricos e éticos. Autores contemporâneos, como Roudinesco (2000), destacam que a psicanálise continua sendo um instrumento valioso para lidar com o mal-estar na civilização, mesmo diante das transformações socioculturais e das novas formas de sofrimento psíquico, como a hiperatividade, a compulsão e os transtornos de identidade.

Outra área que vem se beneficiando do diálogo com a psicanálise é a educação. Desde Freud, passando por autores como Anna Freud e Melanie Klein, reconhece-se que os processos de aprendizagem estão entrelaçados às dimensões emocionais, afetivas e inconscientes.

A relação entre professor e aluno, por exemplo, não é apenas um espaço de transmissão de saberes, mas também um campo de investimentos libidinais, identificações e transferências. Freud (1925) já indicava que a educação é uma das “impossíveis profissões”, ao lado da psicanálise e da política, justamente por lidar com o imprevisível do desejo e com a resistência ao saber.

A Psicanálise, nesse sentido, não oferece modelos pedagógicos ou técnicas de ensino, mas contribui com uma escuta que reconhece o sujeito na sua singularidade e em seus impasses subjetivos.

Winnicott (2000), ao enfatizar o papel do ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento do self, inspirou abordagens pedagógicas mais sensíveis às necessidades emocionais das crianças.

Da mesma forma, a noção de transferência pode ajudar educadores a compreender comportamentos de repetição, resistência ou recusa à aprendizagem, não como falhas cognitivas, mas como manifestações de um conflito psíquico que se desloca para a relação escolar. Além disso, a psicanálise propõe pensar a formação do educador como um processo de subjetivação que implica lidar com suas próprias fantasias, expectativas e limites.

A presença do inconsciente na escola, como destaca Moysés (2001), exige uma postura ética que não busque controlar o desejo, mas sim escutá-lo e acolhê-lo como motor do processo educativo.

No campo da cultura, a psicanálise oferece instrumentos analíticos para com-

preender produções simbólicas, artísticas e ideológicas. Freud, em obras como *Totem e tabu* (1913) e *O mal-estar na civilização* (1930), analisou os fundamentos psíquicos da cultura ocidental, revelando como as instituições sociais, morais e religiosas estão atravessadas por renúncias pulsionais, mecanismos de defesa e formações do inconsciente coletivo.

A repressão das pulsões sexuais e agressivas, necessária à vida em sociedade, gera inevitavelmente formas de sofrimento psíquico, neuroses e sintomas sociais. Nesse contexto, a cultura surge como uma tentativa de sublimação e de elaboração simbólica desse mal-estar, expressando tanto os desejos quanto os conflitos da civilização.

Lacan (1998), por sua vez, aprofundou a relação entre psicanálise, linguagem e cultura, ao propor que o sujeito é constituído no campo do Outro e que a linguagem é o solo a partir do qual se organiza o inconsciente. Assim, a análise de obras literárias, filmes, discursos midiáticos ou manifestações artísticas pode se beneficiar das ferramentas psicanalíticas, que permitem escutar os sintomas da cultura e os fantasmas sociais que nela se repetem.

A crítica psicanalítica da cultura, como propõem autores como Zizek (2008), não se limita a uma leitura simbólica, mas busca revelar os impasses subjetivos e coletivos que atravessam a modernidade, como o narcisismo, o individualismo, a compulsão ao gozo e a crise de autoridade.

Destarte, pontua-se que a psicanálise se apresenta como um campo teórico-clínico capaz de dialogar com os dilemas contemporâneos, sem perder de vista a singularidade do sujeito. Sua presença na clínica, na educação e na cultura evidencia a potência de uma escuta que acolhe o inconsciente como dimensão constitutiva da existência humana. Em vez de oferecer soluções técnicas ou respostas prontas, a psicanálise convida à escuta, à reflexão e ao questionamento, reconhecendo a complexidade do desejo, dos vínculos e das instituições sociais.

Entre as críticas mais recorrentes, destaca-se a que aponta a psicanálise como uma abordagem excessivamente centrada em aspectos universais da experiência humana, em detrimento das particularidades culturais, de gênero e raciais.

A teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud, à guisa de exemplo, foi criticada por feministas como Simone de Beauvoir e Juliet Mitchell, que questionaram o caráter falocêntrico de suas formulações. Judith Butler (2003) também problematiza o modo como a psicanálise tradicional contribui para a normatização da sexualidade e da identidade de gênero, propondo releituras a partir da teoria queer e da performatividade.

Tais críticas não visam à negação da psicanálise, mas à sua resignificação frente às novas demandas sociais e políticas.

Outra crítica importante vem do campo das ciências empíricas, que frequentemente acusam a psicanálise de carecer de validação científica. Com base no modelo positivista, muitos pesquisadores apontam que os conceitos psicanalíticos não seriam passíveis de comprovação empírica ou refutação, o que colocaria a disciplina fora do escopo das ciências “exatas” (Grünberg, 2010).

No entanto, esse argumento tem sido rebatido por autores que defendem o estatuto clínico e hermenêutico da psicanálise, como Ricoeur (1970) e Telles (2005), para quem a psicanálise opera em um regime de verdade distinto do modelo experimental, voltado à interpretação do sujeito em sua singularidade.

Conquanto as críticas, a psicanálise tem passado por desenvolvimentos significativos, tanto teóricos quanto clínicos. Correntes como a psicanálise relacional, a intersubjetividade e a neuro psicanálise têm buscado integrar achados contemporâneos da psicologia do desenvolvimento, da neurociência e da teoria do apego às formulações psicanalíticas tradicionais.

Damasio (2004), por exemplo, embora não seja um psicanalista, tem sido frequentemente citado por propor modelos neurológicos que corroboram a importância das emoções e dos processos inconscientes na tomada de decisões e na constituição do eu. Essa aproximação tem renovado o interesse pelo inconsciente, agora articulado a processos cerebrais e cognitivos.

Ademais disso, a psicanálise contemporânea tem se mostrado sensível a novos modos de subjetivação característicos do século XXI, marcados por fenômenos como o hiperindividualismo, a medicalização da vida e a cultura da performance. Autores como Dunker (2015) e Birman (2006) têm proposto uma escuta clínica que compreenda os novos sintomas da contemporaneidade — como a depressão, a síndrome do pânico, os transtornos alimentares e as adições — não como simples patologias a serem tratadas, mas como expressões do mal-estar na civilização atual.

Por conseguinte, longe de se cristalizar em dogmas, a psicanálise segue se desenvolvendo em diálogo com as transformações do mundo, abrindo-se a revisões críticas e a novas formas de escuta e intervenção que mantenham vivo seu compromisso com a singularidade do sujeito e com o enigma do desejo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste artigo sobre a psicanálise têm como objetivo retomar os principais pontos discutidos ao longo do trabalho, sintetizando suas contribuições teóricas, aplicações e perspectivas críticas. Desde suas origens no final do século XIX com Sigmund Freud, a psicanálise se consolidou como um campo

de saber complexo, que articula uma teoria da subjetividade com uma prática clínica voltada à escuta do inconsciente.

Seu desenvolvimento histórico foi marcado por importantes reformulações teóricas, a exemplo das contribuições de Melanie Klein, Donald Winnicott, Jacques Lacan e outros autores que ampliaram a compreensão dos mecanismos psíquicos e das estruturas da personalidade.

A partir dos fundamentos da Psicanálise — como a noção de inconsciente, os mecanismos de defesa e a importância das experiências infantis —, o artigo abordou as principais teorias psicanalíticas, destacando especialmente a teoria do desenvolvimento psicosssexual e a interpretação dos sonhos.

Estes contributos revelam como os conflitos inconscientes e as fantasias infantis moldam os sintomas, os desejos e os modos de relação do sujeito com o mundo. A psicanálise, nesse sentido, não oferece uma moral ou uma norma de conduta, mas propõe uma via de escuta e de elaboração do sofrimento psíquico, reconhecendo sua singularidade.

No que diz respeito às aplicações, a psicanálise ultrapassa o âmbito da clínica tradicional e se expande para campos como a educação, a cultura, a arte e os estudos sociais, revelando sua potência crítica diante dos discursos normativos e dos processos de subjetivação contemporâneos.

Sua escuta atenta ao mal-estar da civilização — conceito freudiano que permanece atual — permite pensar os sintomas sociais e individuais como expressões de conflitos que não se resolvem apenas por meio de intervenções objetivas, mas exigem interpretação, simbolização e tempo.

Por fim, as críticas dirigidas à psicanálise — quanto à sua cientificidade, à normatividade de certas formulações e à necessidade de diálogo com saberes contemporâneos — não devem ser entendidas como um esgotamento de sua relevância, mas como um convite à revisão, à expansão e à abertura de novas possibilidades.

A Psicanálise continua a ser, sobretudo, um campo que interroga o sujeito em sua opacidade, em seu desejo e em sua dor, mantendo-se viva precisamente porque não se fecha em fórmulas prontas, mas aposta no enigma que cada sujeito representa.

Assim, conclui-se que a psicanálise permanece atual não somente por sua contribuição clínica, mas por sua capacidade de provocar deslocamentos teóricos, culturais e políticos.

Seu compromisso com a escuta e com a singularidade do sujeito ainda se mostra indispensável em um mundo marcado pela aceleração, pelo consumo e pela fragmentação dos vínculos. Cabe aos estudiosos, clínicos e pesquisadores continuar este diálogo, aprofundando suas bases e explorando suas múltiplas interfaces

com a sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BION, Wilfred R. *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DAMASIO, Antonio R. *Emoção e razão: o cérebro humano como um sistema complexo de tomada de decisões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DUNKER, Christian I. *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2015.
- ELLENBERGER, Henri F. *A descoberta do inconsciente: a história e evolução da psiquiatria dinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.
- ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id* (1923). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *O inconsciente* (1915). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. *Estudos sobre a histeria* (1895). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GREEN, André. *O discurso vivo: la pulsion et son destin*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GRÜNBERG, Leon. A questão da cientificidade da psicanálise. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 13, n. 2, p. 307-322, 2010.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MOYSÉS, Lucia de C. *A educação do sujeito desejante*. São Paulo: Summus, 2001.
- RICOEUR, Paul. *Freud: uma interpretação da cultura*. Tradução de Walda M. de Almeida. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *O que é a psicanálise?*. Tradução de André Telles. São Paulo:

Zahar, 2000.

TELLES, Sérgio. *Psicanálise e contemporaneidade: entre o desejo e o consumo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

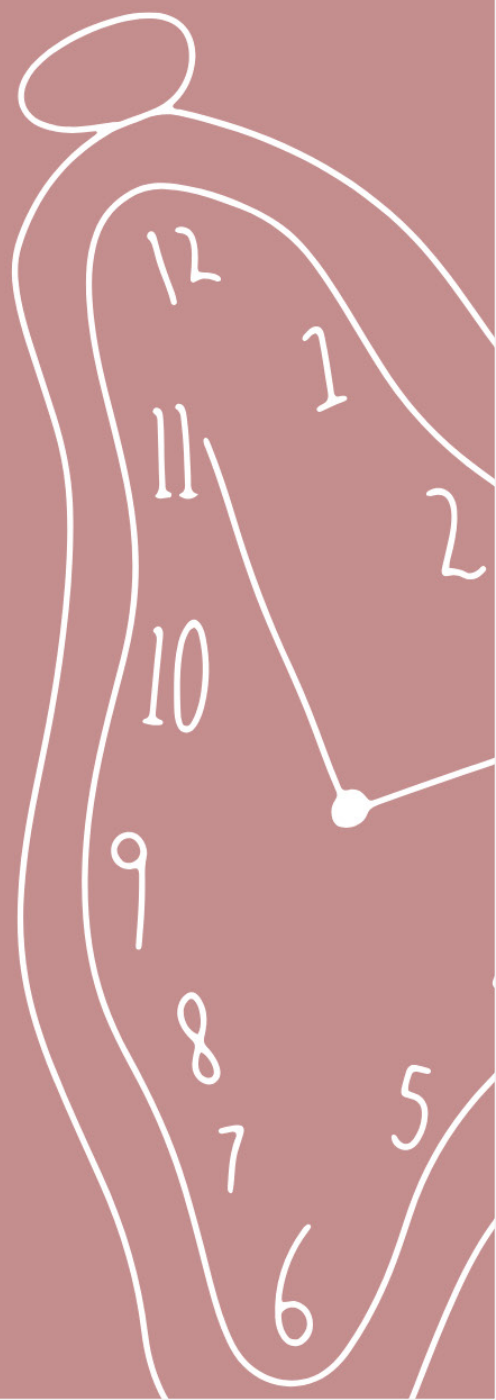
ZIMERMAN, David E. *Fundamentos da Psicanálise: volume 1 – teoria*. Porto Alegre: Art-med, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo, 2008.

2

A INTERAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

THE INTERACTION BETWEEN
PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION



Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre a importante relação existente entre a Psicanálise e a Educação, levando em conta a formação do docente e as práticas pedagógicas no pleno desenvolvimento da criança e do adolescente no contexto escolar. Trata-se de um estudo bibliográfico, de revisão integrativa da literatura, a partir de fontes secundárias publicadas em bases de dados eletrônicas. Os resultados apresentam a escola como um espaço de múltiplos aprendizados, sendo possível desenvolver um olhar crítico sobre a realidade vivenciada pelos discentes, permitindo uma reflexão diferenciada sobre a sociedade, alinhado com o universo que circunda suas vidas e o importante papel no espaço social. A Psicanálise criada por Sigmund Freud é um reputado campo de estudos resolutivos de problemas e conflitos pessoais, onde as multiplicidades dos seus métodos psicanalíticos englobam um conjunto de incidências, tal a variedade de fatos e ocorrências que ela pretende abordar. Conclui-se que o século XXI, descortina novos desafios para a Educação e a Psicanálise, que alinhadas contribuem **para práticas educacionais** ativas e transformadoras.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Práticas Pedagógicas. Formação do Professor.

Abstract

The aim of this article is to present an analysis of the important relationship between Psychoanalysis and Education, taking into account teacher training and pedagogical practices in the full development of children and adolescents in the school context. This is a bibliographical study, an integrative literature review, based on secondary sources published in electronic databases. The results show that school is a space for multiple learning, and that it is possible to develop a critical view of the reality experienced by students, allowing them to reflect on society in a different way, in line with the universe that surrounds their lives and their important role in society. Psychoanalysis, created by Sigmund Freud, is a renowned field of study for resolving personal problems and conflicts, where the multiplicity of its psychoanalytic methods encompasses a range of incidences, such is the variety of facts and occurrences that it aims to address. The conclusion is that the 21st century opens up new challenges for education and psychoanalysis, which together contribute to active and transformative educational practices.

Keywords: Psychoanalysis. Education. Pedagogical practices. Teacher training.

INTRODUÇÃO

A Educação é uma das práticas sociais mais antigas produzidas pelo ser humano. Enquanto a Psicanálise, área clínica individual desenvolvida por Sigmund Freud, busca conhecer o inconsciente, desejo e fantasias da mente do homem. Com o acelerado crescimento dos processos tecnológicos e a expansão no formato globalista, a difusão e o entrelaçamento das culturas ultrapassam fronteiras, traduzindo uma nova forma de dominação de umas sociedades sobre outras através de novos saberes sobre o desenvolvimento humano (Miranda, 2019).

Nesse panorama de mudanças procura-se entender como influenciam as relações entre os indivíduos, que atingem diversos aspectos, dentre eles, sociais, econômicos, religiosos, entre outros, a ponto de criar um olhar sobre a vida em sociedade (Silva, 2020).

Destarte, diante dessa nova fase e por serem os indivíduos mais observadores e críticos, eles buscam, dentre os seus objetivos, a construção de uma base sólida, transformadora das desigualdades e conscientes de seus princípios.

A escola, sendo o espaço promissor do conhecimento, inclusive na Psicanálise, produzindo teorias a partir do cotidiano das atividades escolares, influenciando os discentes, modelos pedagógicos que se voltam para a melhoria de suas ações de educação-aprendizagem, permitindo que o educador crie um ambiente interativo mediado pelo diálogo, que lhe trará resultados expressivos para gerar mais conhecimento (Miranda, 2019). Além disso, deve-se buscar-se a contínua formação de sujeitos críticos e prepará-los para o exercício da cidadania, através de seus conhecimentos e habilidades, e que, constitui parte dela, para o processo de formação humana.

Segundo afirma Rodrigues (2021, p. 36) o pedagogo “trabalha diretamente o primeiro nível da educação infantil”, ou seja, o profissional é responsável inclusive pela educação de crianças de 0 (zero) aos 10 (dez) anos. É exatamente nessa fase que aprendemos e adquirimos as concepções de sociedade, moral, valores, entre outras. Para muitas crianças, é na escola que ela dá o seu primeiro passo para a construção do seu aprendizado, sendo o seu educador e o pedagogo responsáveis por esse processamento.

Nesta magnitude, corrobora-se ainda que o processo de aprendizagem acontece a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes através do estudo, do ensino ou das próprias experiências por ele adquiridas (Modelski *et al.*, 2019). No âmbito educacional, há diversas características importantes que precisam ser associadas, tais como, o bom desempenho do educador, o tipo intelectual do discente e perspectivas futuras de vida, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, assim por diante.

Ocorre que, ao longo do tempo, o processo de mudança cultural e social permeia novos caminhos e traça novos formatos para a sociedade, determinando novos processos de ensino e aprendizagem (Cunha Júnior, 2020).

No campo escolar ocasiona diversos conflitos nas mais diversas magnitudes, como por exemplo, questões de gêneros, religião, cultura, dentre outros, com ciclos constantes de desgaste que consome diariamente discentes e docentes, onde, suas consequências, podem chegar a um patamar inesperado e de difícil solução. Porém, a pergunta que nos faz refletir é: Como lidar com todas essas situações em sala de aula?

A par dessas discussões, o objetivo do estudo é apresentar como a Psicanálise pode contribuir em assuntos polêmicos e corriqueiros originados em salas de aulas, colaborando no processo do conhecimento, e sobretudo, no entendimento da sociedade como um todo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica.

Como corte temporal do estudo elegeu-se o período de 2019 a 2023. Definiu-se como critérios de inclusão: artigos, publicados na íntegra, na língua portuguesa e disponibilizados na base de dados *Scientific Eletronic Library Online* (ScieLO). Já os critérios de exclusão adotaram-se eliminar todas as publicações que não atenderam os critérios de inclusão da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu em Março de 2024, na busca dos artigos utilizou-se as palavras-chave: Psicanálise; Educação; Práticas Pedagógicas; Formação do Professor.

A amostra inicial foi constituída por 20 publicações encontradas na base de dados ScieLO. Após leitura dos títulos, resumos e palavras-chave eliminou-se 12 publicações que não atendiam aos critérios de inclusão. Os 8 artigos foram lidos na íntegra, atendiam aos critérios de inclusão e compõem a amostra final.

No programa Excel foi construída uma planilha onde agrupou-se os dados coletados nos artigos, tais como: título, objetivos, resultados e considerações finais.

Na análise dos dados coletados emergiram três categorias: A educação do século XXI; A educação e a formação do professor; A interação entre psicanálise e educação, apresentadas na sequência.

Utilizou-se, também, materiais de cunho bibliográfico na discussão das categorias.

A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

A educação é considerada um dos principais pilares de desenvolvimento de um país. É através delas que as portas para o progresso econômico, social e político são abertas. Dada a sua importância, a educação influencia diversos seguimentos da vida das pessoas, como por exemplo podemos citar a capacidade de se relacionar, de interpretar informações, lidar com suas próprias emoções, tomar decisões com senso crítico e, até mesmo, de obter satisfação pessoal e profissional (Ostermann e Rezende, 2020).

O avivamento do processo da globalização associado a intensa modernização no campo das tecnologias, a forma de viver em sociedade encontra-se em plena transformação global (Simeão e Rodrigues, 2021). Em todas as áreas do conhecimento e das artes ela se faz presente, não só como tema de debate, mas no processo de transformação das ações desenvolvidas pela ação humana.

Nas lições bem apresentadas, o processo tecnológico se caracteriza como sendo:

“[...] a expressão “tecnologia” diz respeito a muitas outras coisas além das máquinas. O conceito de tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações” (Kenski, 2012, p. 22).

Na mesma senda, Calábria e Freitas (2019) afirmam que com o incremento e avanços dos processos tecnológicos os indivíduos têm se tornado cada vez mais perspectivos e idealizadores em suas tarefas, fortalecendo o seu convívio. Para os autores, os modelos tradicionais de comunicação vêm, cada vez mais, se tornando obsoletos, sendo eles substituídos pelos modernos processos digitais, como bem se observa nos países mais desenvolvidos.

No âmbito educacional, a pergunta que se faz é: Como trazer a Educação para o dia a dia concreto dos alunos? É importante lembrar que a educação no século XXI está em constante transformação. Os modelos pedagógicos foram se modernizando, as ferramentas de trabalho também foram sendo substituídas, e os alunos têm se tornado cada vez mais críticos e responsáveis em suas ações, de forma coletiva (Arena e Resende, 2022).

“Os recursos tecnológicos e o computador precisam ser vistos como uma possibilidade de representar o conhecimento e buscar novas alternativas e estratégias para compreender a realidade, criar diferentes formas de aprendizagem e de ensino como auxílio da tecnologia, numa proposta pedagógica que tenha como centro o aluno e suas necessidades de aprendizado” (Dullius e Quartieri, 2006, p. 3).

A educação do século XXI é considerada como uma das mais completas, graças a grande evolução tecnológica, que vem propiciando feitos de grandes alcances em suas pesquisas e conhecimento (CleopHas, 2020). Uma das propostas bem-sucedidas é o modelo de Educação à Distância (EAD) que vem se intensificando, cada vez mais, no mercado. O acesso aos vídeos aulas, provas *online*, ferramentas de postagem de trabalhos, apostilas, entre outras, são apenas alguns exemplos de sucesso neste modelo.

O ensino aprendizagem virtual se tornou ainda mais conhecido com o surgimento da pandemia Covid- 19, a modalidade de ensino tornou-se eleita pela população para gerenciar as atividades diárias, inclusive na área da educação Oliveira *et al.*, 2020).

Por sorte, o ensino à distância EAD se mostrou como uma das possibilidades mais viáveis nesse momento, porém, o acesso à *internet* foi um outro obstáculo a ser superado (Oliveira *et al.*, 2020).

Destarte, há um grande questionamento sobre essa demanda. Em um ambiente escolar, não se pode mais apenas se preocupar com o bom funcionamento da rede de água, luz e esgoto, mas também, deve-se fazer o bom encaminhamento das redes tecnológicas, que vêm surgindo como uma ferramenta essencial na execução de suas tarefas. Outrossim, revela-se que no novo modelo educacional, muito ainda precisa ser feito para alcançarmos o verdadeiro ensino à distância.

Por final, quando tratamos do tema da evolução tecnológica o tema nos remete a um motivador de aprendizado, estimulando as correções que se fizerem necessárias. Assim, ao ser utilizadas como ferramenta de aprendizado colabora na realização das pesquisas, que parte delas, darão oportunidades aos discentes para retornar à atividade, repensar e mudar as respostas (Dias-Trindade *et al.*, 2021).

A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A busca pelo conhecimento e por novas diretrizes no âmbito das ciências vêm a cada ano se intensificando, e, com o surgimento de novas Tecnologias de Desenvolvimento de Informação e Comunicação (TDICs) aliado a onda do processo da globalização, novos processos de trabalhos vão se consolidando e se firmando no mundo todo (Oliveira *et al.*, 2020).

Destarte, mostra-se que, à medida que o mundo se transforma em um ambiente cada vez mais digital e dinâmico, as empresas enfrentam desafios e oportunidades nunca vistas. Nesse cenário, investir em recursos na integração entre tecnologia e inovação se mostra algo fundamental para que os negócios alcancem melhores resultados de forma planejada e agreguem diferenciais competitivos (Oliveira *et*

al., 2020).

No delinear do século XXI, a educação vem buscando, cada vez mais, implementar modelos pedagógicos abrangentes e ativos que visam a construção de ambientes escolares educativos e reflexivos que façam sentido para os discentes e proporcionem autonomia e liberdade para as suas ações (Rodrigues, 2021).

Por outro lado, a qualificação (emancipação humana) na formação do docente serve como embasamento crucial para o planejamento e a construção de boas escolas, cidadãos e profissionais mais competentes, éticos e humanos (Calábria e Freitas, 2019).

Sobre o tema, Vergara (2011, p. 7), discorre:

A metodologia deve permitir ou facilitar que a criança seja autora da própria aprendizagem. Também deve ser ativa, de modo que a aprendizagem gire em torno dos interesses e destrezas das crianças, permitindo que elas planejem, experimentem, solucionem problemas, pratiquem conceituações e avaliem. Deve ainda possibilitar o trabalho coletivo, participativo e cooperativo entre crianças, entre crianças e adultos, com crianças de outros níveis, com suas famílias e com agentes educativos de sua comunidade local.

Por oportuno, vale lembrar que, com a implementação das áreas tecnológicas, atualmente presente na maioria das escolas (públicas e privadas), as informações vêm sendo acessadas de forma rápida e precisa. É por isso que os nossos docentes devem estar sempre bem preparados e atualizados, tanto para promover questionamentos sobre o mundo, quanto para apresentar soluções sólidas e viáveis a partir de diferentes pontos de vista de seus discentes e dos demais colaboradores (Gonçalves *et al.*, 2019).

Por meio de uma didática colaborativa, dialógica e problematizadora, uma didática que promova interações com os muitos universos culturais dos diferentes sujeitos aprendizes; que exercite a linguagem nas suas múltiplas manifestações e que fortaleça a ação e o pensamento crítico e autônomo (Farias, 2011, p. 50).

A Educação do século XXI vem sendo elaborada sob a ótica de um novo olhar sobre a sala de aula e, em especial, sobre a relação entre os discentes e os docentes. A dinâmica do aprendizado acontece com práticas educativas ativas em um ambiente voltado para a construção e produção de conhecimento para transformação da realidade (Jacobowski e Ferro, 2021).

Sobre o tema, Zibetti e Souza (2010, p. 468) apontam que:

[...] As lições escolares podem ser definidas como ‘encontros educacionais’,

pois são situações em que professores e alunos seguem regras normativas, culturalmente aprendidas, mas também inovam juntos, dando novos sentidos a circunstâncias do momento. Nesse processo, os alunos são considerados participantes ativos e não apenas destinatários da ação do professor.

Vale lembrar que a formação e qualificação do docente necessita estar embasada além dos aspectos tecnológicos, mas também em elementos registrados nas legislações em vigor. A partir da aprovação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, denominada Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), se estabeleceu diversas inovações muito positivas para a categoria, objetivando o aperfeiçoamento e a formação dos profissionais da educação, nos seguintes moldes:

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional

TÍTULO VI

Dos Profissionais da Educação

Art. 61- Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: [\(Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#).

[...].

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. [\(Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009\)](#)

IV – a proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes e o apoio à formação permanente dos profissionais de que trata o **caput** deste artigo para identificação de maus-tratos, de negligência e de violência sexual praticados contra crianças e adolescentes. [\(Incluído pela Lei nº 14.679, de 2023\)](#).

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. [\(Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017\)](#).

[...].

§ 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular. [\(Incluído pela lei nº 13.415, de 2017\)](#) [\(Vide Lei nº 13.415, de 2017\)](#).

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. [\(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. [\(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: [\(Regulamento\)](#)

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico (Brasil, 1996).

Assim, mostra-se que, ao oportunizar aos docentes o acesso à cursos de aperfeiçoamentos é compreender a importância da formação profissional durante a jornada laboral, sobretudo, que o conhecimento adquirido irá colaborar no aprendizado dos discentes.

Planejar dá trabalho, mas, depois, tudo fica mais fácil, a gente sabe por onde tem que ir. Todos os conteúdos estão antecipadamente planejados

e o mais significativo é que os alunos têm conhecimento de cada etapa do processo educativo, como: o quê? Como? Quando? E por quê? de cada unidade didática a ser trabalhada (Carlan *et al.*, 2012, p. 309).

Sobre o mesmo tema, Nóvoa (2009, p. 19), assim dispõe:

É importante assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino se tornem visíveis do ponto de vista profissional e científico, adquirindo um estatuto idêntico a outros campos do trabalho acadêmico e criativo. E, ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseadas numa investigação que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar.

Por fim, releva-se que a *internet* deixou de ser um meio utilizado somente para buscas eletrônicas, a rede faz parte da cultura contemporânea oferecendo outras oportunidades de utilização como a interação pelas redes sociais. Podemos citar o *Twitter*, *My Space*, *Facebook*, *blogs*, entre outras, que oportunizam ouvir música, assistir a vídeos, trocar mensagens, trabalhar e estudar por meio da *internet*.

A INTERAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Proporcionar a uma criança e/ou adolescente o papel de grandes protagonistas na construção do processo do conhecimento é um dos grandes desafios da educação. É necessário o emprego de aportes pedagógicos ativos e docentes preparados, nossos discentes estão inseridos em uma sociedade totalmente informatizada, onde a troca de informações vem sendo realizada de forma instantânea, e, sobretudo, considerada uma valiosa ferramenta capaz de fazer grandes transformações no mundo (Habowski *et al.*, 2019).

Aliada a essa conquista, temos os efeitos do sistema globalista que vem fomentando um novo olhar na formação de novos conceitos, enquanto sociedade e cidadão. Tanto é verdade que diversos temas polêmicos vêm sendo discutidos e tratados como muita evidência, inclusive nas instâncias judiciais, porém a aceitação por parte da sociedade tem se tornado um problema social (Habowski *et al.*, 2019).

Os efeitos também avançam nos ambientes educacionais, onde hoje se assiste discussões acerca da temática, levando, em alguns casos, a vias de fatos atingindo o grupo escolar (docentes, discentes e funcionários), famílias e sociedade.

Segundo o entendimento traçado por Salvador *et al.* (2021) a escola não deve ser considerada como um ambiente excêntrico e externo aos acontecimentos do mundo, ela é parte integrante e formadora do ambiente social. Também se consi-

dera que as grandes transformações no mundo são influenciadas pelos ambientes escolares, de modo a ser revisto e discutido de forma ampla a elaboração desses conceitos.

Assim, parece que se pode afirmar que a globalização determinou em tempos que nos são muito próximos uma inversão no fluxo de conhecimento. Se antes o sentido era da escola para a comunidade, hoje é o mundo exterior que invade a Escola. Assim, a Escola pode não ter mudado; entretanto, pode-se afirmar que ela foi mudada (Chassot, 2003, p. 26).

Portanto, infere-se a sala de aula é um ambiente onde polêmicas vêm à tona, cabendo ao docente lidar e discutir tais fatos, construindo um ambiente de diálogo, solidário, respeitoso, sem preconceito e estigmas, independentemente de crenças, religiões, raças e ideologias.

Ressalta-se ainda, que o reconhecimento das diferenças individuais em termos dos ritmos de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo e social dos docentes se constitui no trabalho pedagógico coordenado por discentes imbuídos de rigorosidade metodológica (Arena e Resende, 2022)

Sobre a conexão existente entre a Psicanálise e a Educação, trazemos os ensinamentos de Miranda (2019, p. 11), que discorrem:

No processo educacional, para o conhecimento acontecer, a única possibilidade, é incentivar o indivíduo para que o desejo de efetivação da aprendizagem ocorra. Nesta direção, a psicanálise na educação possibilita a utilização do imaginário e do subconsciente, organizando pulsões no campo simbólico, que se relacionam à consciência, culminando no despertar do conhecimento.

No mesmo caminho, Souza e Oliveira (2020) defendem que os ensinamentos trazidos pela Psicanálise proporcionam ao docente uma melhor compreensão dos fatos apresentados pelos discentes, permitindo a compreensão do lado pessoal e íntimo das opiniões emitidas. Para que isso aconteça, a escola precisa compreender o papel de mediador do docente no processo ensino-aprendizagem, assim como o papel ativo do discente na construção do conhecimento. É elementar que a escola seja um ambiente propício a transformações, de modo a compreender o seu importante papel na construção da sociedade.

A articulação da psicanálise à educação é possível quando esta última é entendida como discurso social pertencendo à cultura- a linguagem é o fundamento das instituições humanas, logo, passível de leitura psicanalítica, de forma que tal aproximação amplia sobremaneira o trabalho do psicanalista e do educador disponível a esse encontro (Kupfer, 2007, p. 136).

O autor ainda afirma que dentre os conceitos psicanalíticos com maior relevância para o campo educacional se destacam os de maior transferência, sublimação e desejo de saber: “A transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor” (Kupfer, 1989, p. 91).

Para Pereira (2017, p. 9): “Desde os primórdios da psicanálise, a educação foi tema de pesquisa e intervenção por parte de estudiosos das teorias do inconsciente”. Os pesquisadores da Psicanálise buscaram compreender a prática pedagógica, as relações interpessoais e o processo de aprendizagem

Sobre a junção entre a Psicanálise e a Educação o caminho dos docentes se modifica constantemente.

Existe um tema, todavia, que não posso deixar passar tão facilmente – assim mesmo, não porque eu entenda muito a respeito dele, e nem tenha contribuído muito para ele. Muito pelo contrário: aliás, desse assunto ocupei-me muito pouco. Devo mencioná-lo porque é da maior importância, é tão pleno de esperanças para o futuro, talvez seja a mais importante de todas as atividades da análise. Estou pensando nas aplicações da psicanálise à educação, à criação da nova geração. Sinto-me contente com o fato de pelo menos poder dizer que minha filha, Anna Freud, fez desse estudo a obra de sua vida e, dessa forma, compensou a minha falha (Freud, 1932, p. 98).

Na mesma senda, Abrão (2006, p. 236) afirma que:

Ao empregarem a teoria psicanalítica na educação de crianças, estes autores tinham como meta uma intervenção de natureza profilática, proporcionando à criança condições favoráveis de desenvolvimento, de forma a evitar que o distúrbio de ordem emocional viesse a se instalar e comprometer o ajustamento de sua personalidade. Neste sentido, os professores deveriam ser informados sobre as hipóteses psicanalíticas relativas ao desenvolvimento infantil para melhor gerir a educação de seus alunos, compreender suas dificuldades escolares e, em última análise, formar indivíduos emocionalmente saudáveis.

Corroborando com a temática, cabe ainda acrescentarmos:

[...] uma educação psicanaliticamente esclarecida envolveria a compreensão, por parte dos educadores, dos diferentes problemas que se relacionam ao desenvolvimento psicosssexual da criança; do reconhecimento da importância das bases afetivas da aprendizagem; do papel fundamental, no contexto pedagógico da escola, dos fenômenos de transferência entre alunos e educadores; da relevância, no processo de desenvolvimento da

sexualidade e da identidade, dos modelos de identificação; do reconhecimento que é do desejo do outro que a criança se reconhecerá. São muitos os ensinamentos oriundos da teoria psicanalítica que poderiam se estender à prática educativa (Almeida, 1993, p. 29)

Borges e Tardif (2001) fortalecem o entendimento que todas as ações pedagógicas escolares incrementadas pelos docentes apresentam importantes fundamentos filosófico-científicos, encontrando-se em processo de construção para emergir importantes feitos para a profissão e sua valorização social.

Outrossim, mostra-se ainda que a globalização e as TDICs contribuem para que novas pesquisas científicas sejam desenvolvidas apresentando em seus resultados inúmeros progressos favorecendo a humanidade e melhorando a qualidade de vida comunitária (Oliveira *et al.*, 2021).

Contribuindo sobre o assunto os ensinamentos de Voltolini (2011, p. 60) esclarecem que:

Para compreender a relação da psicanálise com a educação é importante abordar a torção que este último termo sofre com o avanço da teoria, deslocando o foco de “educação” para “educar”. Mudança talvez sutil para alguns, mas de consequências teóricas e práticas fundamentais.

Por fim, podemos inferir que a sociedade identifica nos docentes o articulador e orientador para que crianças e adolescentes alcancem o conhecimento, ao mesmo tempo que o docente enxerga os discentes como parte de sua responsabilidade no mundo. Posto isso, Libâneo (2001, p. 8) completa: “A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresenta reflexões que oportunizam a discussão entre a Psicanálise e Educação, ensino-aprendizagem e as responsabilidades de docentes e discentes no mundo da educação. A Psicanálise e a educação encontram-se mescladas quanto suas contribuições na aprendizagem humana nas instituições escolares, de modo a contribuir na edificação de um cidadão para o mundo.

Nesta senda, apresenta-se o protagonismo dos discentes na atual sociedade das TDICs e consumidor e elaborador de informações no mundo digital, visando a democratização do conhecimento pelos inúmeros canais de **comunicação**. Por conta disso, o mundo de trabalho do docente frente ao Ensino a Distância (EaD), configura-se uma modalidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas

ações como mediador do processo ensino-aprendizagem via *internet*. As mudanças no modo ensino-aprendizagem forçam os sistemas de ensino presencial nas escolas públicas a transformarem os métodos de acesso cognitivo, comportamental e intelectual dos discentes.

É recomendável o avanço da aprendizagem dos docentes em Psicanálise e Educação abrindo inúmeras possibilidades de aprendizagem e interação entre docentes, discentes, famílias e comunidade. O século XXI, descortina os novos desafios da Educação contribuindo para práticas educacionais ativas e transformadoras aliando a Psicanálise.

Indicamos que novos estudos sejam desenvolvidos sobre a utilização prática da Psicanálise no ensino fundamental reconhecendo os envolvidos e os ambiente escolar na criação de novos elementos de reflexão acerca dos processos educativos, transformadores de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. F. **Programa um computador por aluno: as práticas pedagógicas desenvolvidas com o uso do laptop**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ALMEIDA, S. F. C. Psicologia, psicanálise e educação: três discursos diferentes? In: BUCHER, R.; ALMEIDA, S. F. C. (org.). **Psicologia e psicanálise: desafios**. Brasília: Editora UnB, 1993. p. 19-31

ABRÃO, J. L. F. As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 22, n. 2, p. 233-240, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/k8QCbbcDFTGwbVwtXLDNzSx/?format=pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

ARENA, A. P. B.; RESENDE, V. A. L. Pedagogia Freinet: auto-organização e os planos individuais de trabalho. **Cad. Cedes**, v. 42, n. 117, p. 171-188, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/PkjtSxTWchsMDJVws9kTCmb/?format=pdf&lang=pt>

BORGES, C.; TARDIF, M. Apresentação. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 74, p. 11-26, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NpBT6gcRCDXvXRNFzVv5Njs/?format=pdf&lang=pt>

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, 23 dez. 1996, p. 27833. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

CALÁBRIA, A. P. V. N.; FREITAS, N. A. O uso de recursos tecnológicos e sua influência na formação o estudante. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 30, n. 1, p. 28-46, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/6146>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P. E. O esporte como conteúdo da educação física escolar: um estudo de caso de uma prática pedagógica. **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29643/23448>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CHASSOT, A. **Educação consciência**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

CLEOPHAS, M. G. Integração entre a gamificação e a abordagem steam no ensino de química. **Revasf**, v. 10, n. 23, p. 78-109, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1087/892>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CUNHA JUNIOR, E. P. Desafios linguísticos no ensino escolar e superior de surdos paulistanos em tempo de coronavírus. In: LIBERALLI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C. C.; CARVALHO, M. P. (org.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 41-54.

DIAS-TRINDADE, S.; FERREIRA, A. G.; MOREIRA, J. A. Panorâmica sobre a história da Tecnologia na Educação na era pré-digital: a lenta evolução tecnológica nas escolas portuguesas desde finais do século XIX até ao início do ensino computadorizado. **Práxis Educativa**, v. 16, e2117294, p. 1-20, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v16/1809-4309-praxeduc-16-e2117294.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

DULLIUS, M. M.; EIDELEIN, G. M.; FICK, G. M.; HAETINGER, C.; QUARTIERI, M. T. **Recursos computacionais nas aulas de matemática**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 3., 11-14 out. 2006, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia, SP: s. l., 2006. Disponível em: <https://tecmat-ufpr.pbworks.com/f/R0168-1.pdf>. Acesso em: 12 de março, 2024.

FARIAS, I. M. S.; SALES, J. O. C. B.; BRAGA, M. M. S. C.; FRANÇA, M. S. L. M. **Didática e docência: aprendendo profissão**. 1. ed. Campinas: Editores Associados, 2011.

FREUD, E.; MENG, H. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Originalmente publicado em 1933 [1932]).

GONÇALVES, J. R.; CARVALHO, A. L. M.; SILVA, M. J.; ARAÚJO, M. F.; NASCIMENTO, S. B. S. L.; ALVES, Y. L. O. A evolução da tecnologia na educação. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, ano 10, v. 10, n. 37, p. 21-34, 2019. Disponível em: <https://periodicos.processus.com.br/index.php/egjf/article/view/65>. Acesso em: 31 mar. 2024.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. TREVISAN, A. L. Por uma cultura reconstrutiva dos sentidos das tecnologias na educação. **Educ. Soc.**, v. 40, e0218349, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wWpCfbk939jC8NM6BNhxbCq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2024.

JACOBOWSKI, R.; FERRO, L. F. Educação permanente em saúde e metodologias ativas de ensino: uma revisão sistemática integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e39910313391, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13391/12115>. Acesso em: 31 mar. 2024.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: Um novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 15-25.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação**: O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, M. C. **Educação para o futuro**: Psicanálise e Educação. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2007.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: Inquietações e buscas. **Educar**, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxXQgnS/?format=pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MIRANDA, R. C. A contribuição da psicanálise na educação para o desenvolvimento Humano. **Revista Científica Intelletto**, v. 4, n. 3, p. 11-22, 2019. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/revista-intelletto/article/view/155/157>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MODELSKI, D.; GIRAFFA, L. M. M.; CASARTELLI, A. O. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, v. 45, e180201, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/qGwHqPyjqbw5JxvSCnkVrNC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mar. 2024.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OSTERMANN, F.; REZENDE, F. Uma interpretação da educação em ciências no Brasil a partir da perspectiva do currículo como prática cultural. **APEDUC Revista**, n. 1, v. 1, p. 30-40, 2020. Disponível em: <https://apeducrevista.utad.pt/index.php/apeduc/article/view/78/2>. Acesso em: 31 mar. 2024.

PEREIRA, M. R. Psicanálise, educação e sintoma: uma introdução. In: PEREIRA, M. R.; (org.). **Os sintomas na educação hoje**: o que fazemos com “isso”? Belo Horizonte: Scriptum, 2017. p. 7-11.

OLIVEIRA, E S.; FREITAS, T. C.; SOUSA, M. R.; MENDES, N. C. S. G. M.; ALMEIDA, T. R.; DIAS, L.C.; FERREIRA, A. L. M.; FERREIRA, A. P. M. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19 / Educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 522860-5287, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/14095/11787>. Acesso em: 31 mar. 2024.

OLIVEIRA, J. R.; SANTOS, W. P. C.; RIBEIRO, N. M.; JORGE, E. M. F.; ARAÚJO, M. L. V. Programa de Ideias Inovadoras do IFBA: proposição de melhorias baseada em critérios de avaliação. **Cadernos de Prospeção**, v. 14, n. 1, p. 94-94, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/30741>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PEREIRA, M. R.; SANTIAGO, A. L. B.; LOPES, E. M. T. Apresentação do dossiê Psicanálise e Educação. **Educação em Revista**, v. 25, n. 1, p. 139-148, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/39824/30560>. Acesso em: 31 mar. 2024.

RODRIGUES, W. Pedagogo com sólida formação acadêmica para a educação infantil. **Revista Acadêmica Magistro**, v. 1, n. 23, p. 35-45, 2021. Disponível em: https://d1w-qtxts1xzle7.cloudfront.net/70943183/6183_18454_1_PB-libre.pdf?1633138340=&response-content-disposition=inline%3B+filename. Acesso em: 31 mar. 2024.

SALVADOR, N. C.; OLIVEIRA, A. J.; FRANCO, N. Fracasso, evasão e abandono escolar de pessoas trans: algumas reflexões necessárias. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1-18, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v30/2238-2097-REPUBLIC-30-e11840.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

SIMEÃO, E. L. M.; RODRIGUES, R. C. Contexto histórico da organização e produção de imagens e as características da cultura imagética nas redes sociais. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (org.). **A ciência da informação em movimento: Memória, esquecimento e preservação digital**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 185-208. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34500/1/a-ciencia-da-informa%C3%A7%C3%A3o-em-movimento_cole%C3%A7%C3%A3o-sala-de-aula_14.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024.

SILVA, C. N. Manifestações religiosas dos/as assistentes sociais: alguns apontamentos a partir de Max Weber. **Temporalis**, ano 20, n. 40, p. 182-200, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/23873/22636>. Acesso em: 31 mar. 2024.

SOUZA, M. R. S.; OLIVEIRA, C. Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil. **Rev. C&Trópico**, v. 44, n. 2, p. 255-275, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1878/1594>. Acesso em: 31 mar. 2024.

VERGARA, O. R. A qualidade como base para o bem-estar das crianças. **Revista Pátio Educação Infantil**, FNDE, ano IX, 2011.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZIBETTI, M. L. T.; SOUZA, M. P. R. A dimensão criadora no trabalho docente: subsídios para a formação de professores alfabetizadores. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 459-474, 2010.

3

FILOSOFIA E PSICANÁLISE - INTERAÇÃO FECUNDA



Desde seu surgimento no final do século XIX, a psicanálise vem dialogando com diversas áreas do saber, sendo a filosofia uma de suas interlocutoras mais constantes e fecundas. O encontro entre filosofia e psicanálise não é casual: ambas se voltam para as grandes questões da existência humana — o sofrimento, o desejo, a liberdade, a ética, o inconsciente e a verdade.

Posto que as suas abordagens sejam distintas, seus caminhos frequentemente se cruzam, proporcionando uma interação que amplia o alcance teórico e prático de cada uma.

A filosofia, com sua tradição milenar, sempre se ocupou das questões fundamentais sobre o ser, o conhecer e o agir. Já a psicanálise, fundada por Sigmund Freud, emerge como um método clínico e uma teoria sobre a mente humana, especialmente os processos inconscientes que escapam à racionalidade.

Conquanto a sua origem médica, a psicanálise logo revelou ambições mais amplas, lançando luz sobre os fundamentos da cultura, da linguagem, da religião e da moral — domínios tradicionalmente investigados pela filosofia. O próprio Freud não hesitou em dialogar com pensadores como Platão, Nietzsche, Schopenhauer e Kant, ainda que muitas vezes de modo indireto ou crítico.

Um dos pontos centrais da intersecção entre filosofia e psicanálise é a concepção de sujeito. Enquanto a filosofia moderna, especialmente a partir de Descartes, estabeleceu o sujeito como fundamento do conhecimento (“penso, logo existo”), a psicanálise veio problematizar essa centralidade.

Freud mostrou que o eu não é senhor em sua própria casa, colocando em evidência a divisão interna do sujeito, sua submissão a pulsões inconscientes, desejos reprimidos e estruturas simbólicas. Jacques Lacan, mais tarde, aprofundaria essa crítica, reinterpretao Freud à luz da linguística estrutural e da filosofia hegeliana, especialmente no que tange ao conceito de sujeito do desejo e da falta.

É nesse ponto que a filosofia contemporânea, particularmente a tradição continental, encontrou na psicanálise uma interlocutora privilegiada. Filósofos como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Judith Butler se apropriaram das ferramentas psicanalíticas para pensar as formas de subjetivação, os mecanismos de poder, as normas de gênero e a constituição do corpo social. Por outro lado, psicanalistas passaram a se valer da filosofia para refletir sobre os fundamentos éticos de sua prática clínica e os limites do saber sobre o inconsciente.

Um exemplo notável dessa interação está na ética. A filosofia, desde Aristóteles, problematiza as noções de bem, virtude, liberdade e responsabilidade. A psicanálise, ao trabalhar com o sofrimento psíquico, as pulsões destrutivas e os sintomas neuróticos, também se vê convocada a formular uma ética própria — uma ética do desejo, como diria Lacan.

Nesse sentido, a ética psicanalítica não se pauta por ideais normativos, mas pela escuta do sujeito e pelo respeito à sua singularidade, orientando-se por aquilo que, para o indivíduo, é causa de seu desejo e possibilidade de viver com menos sofrimento.

Outro campo fértil de interação jaz na linguagem. Para a filosofia da linguagem, o problema do sentido e da comunicação sempre foi central. A psicanálise, especialmente a lacaniana, entende o inconsciente como estruturado como uma linguagem, isto é, como um sistema simbólico que organiza o desejo e o sintoma. Isso implica que o discurso do paciente — seus lapsos, sonhos, atos falhos — não são ruídos, mas manifestações de um saber que insiste, ainda que deformado, e que pode ser interpretado.

Destarte, a análise torna-se um trabalho de tradução e escuta, que exige rigor conceitual e sensibilidade ética, algo também valorizado pela filosofia hermenêutica.

No campo político, a interação entre filosofia e psicanálise também se mostra produtiva. A partir da segunda metade do século XX, com os avanços dos estudos pós-estruturalistas, a psicanálise foi convocada a pensar as estruturas ideológicas que atravessam o sujeito, inclusive na forma como ele internaliza normas sociais e exerce o poder sobre si mesmo.

Conquanto muitos pontos de convergência, não se deve ignorar as tensões entre essas duas disciplinas. A filosofia, com sua tendência à sistematização e à busca por fundamentos, pode entrar em conflito com a psicanálise, que muitas vezes opera com categorias ambíguas, paradoxais e movediças. A psicanálise, por sua vez, desconfia de toda tentativa de totalização do saber, pois sabe que há sempre um resto, um ponto de indeterminação que escapa à razão — o real do inconsciente, que insiste em retornar sob a forma do sintoma.

Contudo, é precisamente nessa tensão que reside a fecundidade da interação entre filosofia e psicanálise. Ambas se provocam, se desafiam, se enriquecem. A filosofia fornece à psicanálise instrumentos conceituais e critérios de reflexão crítica; a psicanálise oferece à filosofia uma escuta radical da experiência humana, confrontando-a com os limites da razão e com os abismos do desejo.

Essa parceria, longe de ser pacífica, é viva, inquietante, e continua a gerar novos caminhos de pensamento e de ação.

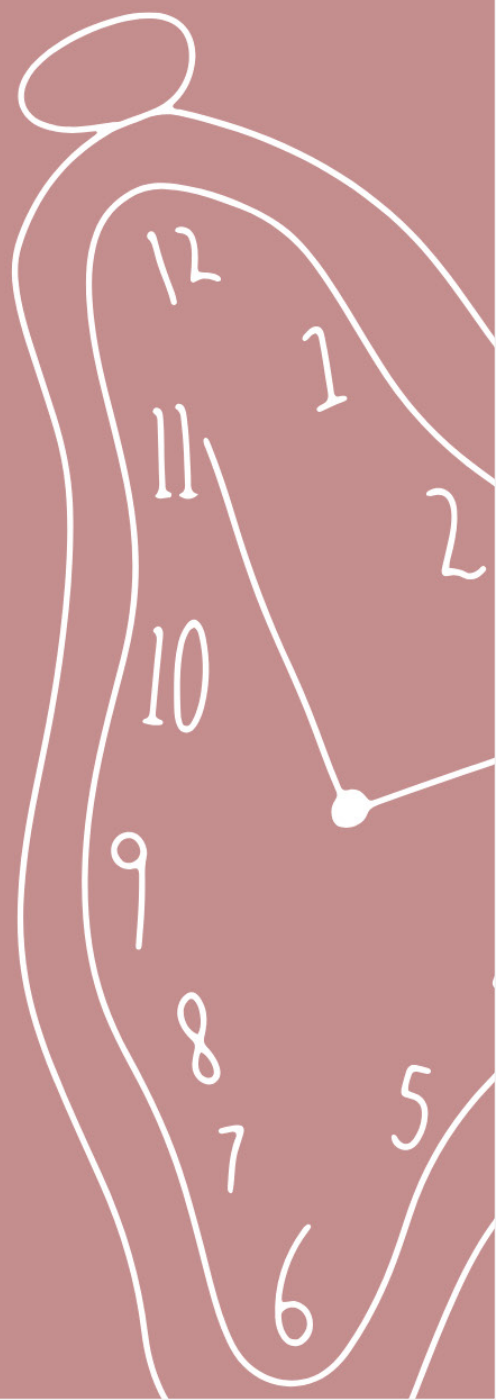
Em tempos de crise subjetiva, de medicalização da vida e de esvaziamento do sentido, a interlocução entre filosofia e psicanálise revela-se não apenas atual, mas necessária.

Em epítome, ambas lembram de que o ser humano não é uma máquina, mas um enigma — e que compreendê-lo requer escuta, pensamento, abertura e, sobretudo, desejo de verdade.

4

PSICANÁLISE E ARTE: criação, ruptura e subjetividade

PSYCHOANALYSIS AND ART: creation, rupture
and subjectivity



Resumo

O presente artigo propõe uma análise teórica sobre as interfaces entre a psicanálise e a arte, destacando como a criação artística se constitui como um espaço privilegiado de expressão do inconsciente, da subjetividade e da ruptura simbólica. Partindo da fundamentação freudiana, segundo a qual a arte opera como uma forma de sublimação das pulsões e de realização simbólica de desejos inconscientes, o estudo se aprofunda nas contribuições de Jacques Lacan, que concebe o inconsciente como estruturado como uma linguagem e enfatiza o papel do significante na construção subjetiva e estética. A criação artística, nesse sentido, é compreendida não como expressão de um eu coeso, mas como manifestação de uma divisão constitutiva do sujeito, atravessada pelo desejo e pela falta. O artigo também aborda a noção de ruptura como elemento essencial no processo criativo, na medida em que o ato artístico se configura como uma tentativa de romper com as formas pré-estabelecidas de representação, convocando o real enquanto dimensão inapreensível do psiquismo. Por fim, discute-se a subjetividade na arte como um fenômeno intersubjetivo, que emerge no entrelaçamento entre o eu e o outro, entre o artista, a obra e o público. A partir do diálogo entre psicanálise e estética, evidencia-se a potência da arte como lugar de elaboração simbólica, escuta do inconsciente e construção de novos sentidos. O trabalho fundamenta-se em autores clássicos e contemporâneos, como Freud, Lacan, Laplanche, Didi-Huberman e Bourriaud, a fim de oferecer uma contribuição crítica e interdisciplinar para o campo das ciências humanas.

Palavras-chave: psicanálise; arte; criação; subjetividade; inconsciente.

Abstract

This article proposes a theoretical analysis of the interfaces between psychoanalysis and art, highlighting how artistic creation constitutes a privileged space for the expression of the unconscious, subjectivity, and symbolic rupture. Based on Freudian foundations, in which art operates as a form of sublimation of drives and symbolic realization of unconscious desires, the study deepens the contributions of Jacques Lacan, who conceives the unconscious as structured like a language and emphasizes the role of the signifier in the subjective and aesthetic construction. Artistic creation, in this sense, is understood not as the expression of a cohesive ego, but as the manifestation of a constitutive division of the subject, crossed by desire and lack. The article also addresses the notion of rupture as an essential element in the creative process, insofar as the artistic act configures itself as an attempt to break with pre-established forms of representation, summoning the Real as an ungraspable dimension of the psyche. Finally, it discusses subjectivity in art as an intersubjective phenomenon that emerges from the intertwining of the self and the other — between the artist, the artwork, and the audience. Through the dialogue between psychoanalysis and aesthetics, the

article highlights the power of art as a place of symbolic elaboration, listening to the unconscious, and the construction of new meanings. The work is grounded in both classical and contemporary authors, such as Freud, Lacan, Laplanche, Didi-Huberman, and Bourriaud, aiming to provide a critical and interdisciplinary contribution to the field of human sciences.

Keywords: psychoanalysis; art; creation; subjectivity; unconscious.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre psicanálise e arte é antiga, complexa e profundamente fecunda. Desde os escritos inaugurais de Sigmund Freud, a arte ocupou um lugar privilegiado na construção teórica da psicanálise, sendo considerada não apenas uma forma de expressão simbólica da subjetividade, mas também um território privilegiado de manifestação do inconsciente.

Freud via no artista alguém capaz de acessar, por vias criativas e estéticas, conteúdos recalcados da psique, transformando-os em obras que comunicam, por meio de símbolos, aquilo que a linguagem lógica muitas vezes não alcança. Para o pai da psicanálise, a arte representava uma forma de sublimação — mecanismo pelo qual as pulsões, sobretudo as de caráter sexual e agressivo, eram desviadas para objetivos socialmente aceitos, convertendo sofrimento psíquico e desejos reprimidos em expressão cultural e estética.

No entanto, a relação entre psicanálise e arte não se limita à ideia de que o artista é alguém que sublima seus conflitos internos. A partir do pensamento freudiano e especialmente com os desdobramentos propostos por Jacques Lacan, a arte passou a ser compreendida como um campo autônomo de produção de sentido, que revela algo da estrutura do sujeito e da própria linguagem.

A obra de arte não é somente um espelho da subjetividade do artista, mas também um dispositivo que produz efeitos de sentido no outro, que interpela o espectador, o leitor, o ouvinte, provocando deslocamentos simbólicos que tocam os limites do saber e do gozo. Lacan radicaliza a compreensão da arte ao afirmar que ela toca o real — aquilo que escapa à simbolização, que resiste à nomeação e que retorna como furo no discurso.

Nesse sentido, pensar a arte a partir da psicanálise é também pensar as formas pelas quais o sujeito se constitui em meio a processos de criação e ruptura. A criação artística não é um ato neutro ou meramente estético: ela carrega em si um gesto ético e político de deslocamento, de invenção de novos modos de ver, sentir e existir.

A arte rompe com a ordem estabelecida, desestabiliza significados fixos e introduz o estranho no familiar, promovendo um movimento que revela a precariedade das estruturas simbólicas e a constante negociação entre o desejo e a cultura. Assim, a criação artística se inscreve como uma experiência de ruptura com a lógica do cotidiano e com os imperativos do discurso dominante, abrindo espaço para o surgimento de novas formas de subjetivação.

A subjetividade, na perspectiva psicanalítica, não é uma essência fixa ou um núcleo interior imutável, mas uma construção discursiva, atravessada por linguagem, desejo, falta e alteridade. O sujeito é constituído pela entrada no campo do simbólico, pela inscrição no universo da linguagem e pelo confronto com a castração simbólica. Nesse processo, as marcas da cultura, da história e das relações interpessoais se entrelaçam com os impulsos pulsionais, criando uma tessitura complexa que se expressa de forma particularmente densa na produção artística.

A arte, nesse contexto, pode ser compreendida como um espaço de emergência do sujeito em sua dimensão mais singular, como aquilo que resiste à padronização e à normatividade, como expressão do desejo e também como tentativa de organizar o caos interno diante do mal-estar na civilização.

A noção de ruptura, central neste trabalho, será abordada como elemento constitutivo tanto da experiência artística quanto do próprio sujeito. A ruptura, na psicanálise, não é apenas uma quebra externa, mas uma fratura interna, que remete ao trauma, à perda, ao não-sabido que insiste em retornar. No campo da arte, a ruptura aparece como transgressão, como subversão de formas, estilos, conteúdos e valores.

Do dadaísmo ao expressionismo, do teatro do absurdo à arte contemporânea, é possível identificar uma constante tensão entre ordem e desordem, representação e excesso, silêncio e grito. Essa tensão é também a marca do sujeito em sua travessia existencial. Nesse sentido, a arte não apenas espelha o sujeito, mas participa ativamente de sua constituição, oferecendo formas e significantes para experiências que escapam ao discurso comum.

Diante desse panorama, este artigo tem como objetivo refletir sobre os vínculos entre a criação artística, a noção de ruptura e a constituição da subjetividade à luz da psicanálise. Parte-se do pressuposto de que a arte se constitui como um campo privilegiado para se pensar os modos de subjetivação contemporâneos, especialmente em tempos de crise dos discursos tradicionais e de reconfiguração dos laços sociais.

O estudo se fundamenta em uma abordagem teórico-bibliográfica, mobilizando autores da psicanálise — sobretudo Freud e Lacan —, bem como pensadores que dialogam com a estética e a filosofia da arte, como Didi-Huberman, Deleuze e

Zizek. Pretende-se, assim, discutir a arte como linguagem do inconsciente, explorar o conceito de sublimação na produção artística e analisar o gesto criativo como uma operação subjetivante que envolve ruptura, dor, invenção e sentido.

Com isso, espera-se contribuir para a compreensão das potências transformadoras da arte não apenas como objeto de contemplação estética, mas como prática de reinvenção subjetiva e de enfrentamento simbólico das faltas, traumas e impasses da existência.

Em um mundo marcado por incertezas e fragmentações, a articulação entre psicanálise e arte oferece pistas valiosas para pensar novas formas de habitar o mundo, de elaborar o sofrimento e de afirmar a vida em sua complexidade e singularidade.

2 A ARTE COMO EXPRESSÃO DO INCONSCIENTE

Desde os primeiros escritos de Sigmund Freud, a arte foi reconhecida como uma via legítima de expressão dos conteúdos inconscientes. Em textos como *O poeta e a fantasia* e *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, Freud (2016) defende que o processo criativo está diretamente relacionado aos desejos recalcados, que encontram na obra de arte uma forma disfarçada, mas potente, de realização.

Para ele, o artista, ao contrário do neurótico que recua diante de seus conflitos internos, consegue canalizar as pulsões e transformá-las em produções culturalmente aceitas. A arte, nesse sentido, é resultado da sublimação — mecanismo de defesa que permite a elevação da energia pulsional a fins superiores, como os estéticos, intelectuais ou científicos.

Como destaca Birman (2005, p. 43), “a criação artística, sob o ponto de vista psicanalítico, constitui uma das formas mais elaboradas de simbolização da dor e do desejo”.

A obra de arte aparece, assim, como lugar de elaboração subjetiva, onde o artista não apenas comunica algo ao outro, mas também constitui a si mesmo por meio da produção simbólica. Essa dimensão simbólica é essencial para a psicanálise, pois é por meio dela que o sujeito pode dar sentido àquilo que o excede, que o atravessa de forma inconsciente.

Ademais da perspectiva freudiana, Jacques Lacan amplia e aprofunda o entendimento da relação entre arte e inconsciente ao introduzir no campo psicanalítico conceitos como o “objeto a”, o “Real” e a “falta”. Para Lacan (1999), a arte não apenas representa o inconsciente, mas estrutura-se a partir da mesma lógica que o constitui: a do desejo, da ausência e do impossível de ser plenamente simbolizado. O ato criativo, segundo o autor, implica um trabalho com a falta — não como

déficit, mas como condição de possibilidade da linguagem e do desejo.

Em seu seminário sobre a ética da psicanálise, Lacan (1997) propõe que a função da arte é circunscrever o real, “fazer furo no simbólico” para dar lugar àquilo que escapa ao sentido, permitindo ao sujeito organizar-se frente ao inominável.

Nesse ponto, a estética lacaniana se aproxima da noção de arte como experiência do limite. A obra de arte, segundo Didi-Huberman (1998), não é um objeto a ser decifrado ou traduzido em significados fixos, mas um campo de forças que produz afetos e deslocamentos, abrindo fissuras na experiência sensível. O autor argumenta que a arte tem a capacidade de tornar visível o que normalmente é invisível, instaurando uma “política da imagem” que não se submete aos imperativos da representação tradicional.

Para Didi-Huberman (1998), a imagem não é apenas aquilo que vemos, mas também aquilo que nos olha, ou seja, ela implica uma subjetividade em jogo.

Pesquisas contemporâneas na interseção entre psicanálise e arte têm ampliado essa perspectiva. Carvalho (2018), ao estudar a função da arte no contexto clínico, aponta que obras produzidas por sujeitos em sofrimento psíquico não devem ser vistas como meros sintomas, mas como expressões singulares de tentativa de simbolização.

Segundo a autora, a criação artística revela formas próprias de relação com o desejo e com o outro, podendo funcionar como eixo de reorganização psíquica (Carvalho, 2018). Nessa linha, a arte se configura como um lugar onde o inconsciente pode se manifestar por vias não convencionais, escapando da linguagem ordinária e instituindo uma fala outra.

Outro ponto relevante diz respeito ao papel do espectador. A psicanálise compreende que o sentido da obra de arte não está apenas na intenção do autor, mas também na recepção, no efeito que a obra provoca no outro. A arte, nesse aspecto, funciona como “ato de fala” (Austin, 1990), porquanto institui uma enunciação que convoca, interpela, fere ou encanta. Quando o espectador se depara com uma obra que o toca, é porque algo de seu próprio inconsciente foi mobilizado. A experiência estética é, portanto, também uma experiência inconsciente.

Destarte, a arte, sob o ponto de vista da psicanálise, não deve ser uma mera ilustração do inconsciente, conforme discute Birman (2005), mas seu campo de manifestação privilegiado.

Entre a sublimação freudiana, os furos do real lacaniano e os estudos contemporâneos sobre criação e subjetividade, evidencia-se que o gesto artístico instaura um espaço onde o desejo pode encontrar expressão simbólica, onde o sujeito pode se constituir frente à falta, e onde o inconsciente, em sua lógica própria, pode ganhar forma sensível.

3 RUPTURA, CRIAÇÃO E A LÓGICA DO INCONSCIENTE

A criação artística, sob a ótica psicanalítica, não se dá em continuidade com a lógica racional, mas precisamente como ruptura. O ato criativo implica uma transgressão à ordem simbólica já instituída, e essa transgressão é, muitas vezes, o que revela sua potência subjetivante.

Na Psicanálise, especialmente a partir das contribuições de Jacques Lacan, entende-se que o inconsciente opera por uma lógica própria, distinta da razão cartesiana. Ele se estrutura como linguagem, mas funciona por deslizamentos, condensações, metáforas e metonímias (Lacan, 1998). É nesse jogo entre o dito e o não-dito que a criação se insere como ato que não apenas representa o sujeito, mas o produz.

Para Lacan (1998), o sujeito do inconsciente não é senhor do que diz, pois está atravessado pelo desejo e pela falta. Nesse sentido, a criação artística surge como um campo de ruptura da significação fixa, abrindo espaços para novas possibilidades de subjetivação. A lógica do inconsciente — feita de equívocos, lapsos, enigmas — se manifesta na arte como desconstrução das formas rígidas do sentido.

Como afirma Safra (2012, p. 121), “a obra de arte se inscreve como fenda no discurso do mundo, convocando o sujeito a se reorganizar frente ao que não compreende inteiramente, mas que, ainda assim, o afeta profundamente”.

Por conseguinte, a criação não parte da harmonia, mas da falta, da ausência de garantias e da incompletude do sujeito. É essa falha constitutiva que permite que o artista crie. A ruptura, nesse contexto, não é um acidente, mas uma condição da própria criação.

Freud (2016), ao analisar a relação entre arte e neurose, argumenta que o artista não apenas sofre os conflitos psíquicos, mas os transforma em algo novo. Ele rompe com a repetição neurótica ao simbolizar suas fantasias e angústias, convertendo-as em formas estéticas que interpõem um novo laço com o mundo.

Theodor Adorno, em sua teoria estética, argumenta que a arte autêntica é aquela que se opõe à reificação do mundo e rompe com a lógica instrumental da sociedade capitalista.

Para ele, a arte que não se submete à indústria cultural se mantém como negação do real administrado (Adorno, 2004). A negatividade da arte reside justamente em sua capacidade de romper com o já dado, abrindo espaço para o novo, para o não conciliado, aquilo que ainda não foi colonizado pela linguagem dominante.

Essa concepção se aproxima das ideias de Jacques Lacan quando este afirma que a arte pode “tocar o real”, ou seja, aquilo que escapa à simbolização e insiste como furo, como hiato de sentido.

Nesse mesmo sentido, Antonin Artaud concebeu o teatro como lugar de crise, de ruptura com a linguagem racional, linear e domesticada do Ocidente. Em seu manifesto sobre o “teatro da crueldade”, Artaud (2006) propõe uma arte que vá além da representação e que atue diretamente sobre o corpo, o afeto e o inconsciente do espectador, desestabilizando suas referências simbólicas. Essa ideia de uma arte que “fere” e “desloca” está em sintonia com Bataille (2013), que vê na experiência estética uma forma de transgressão dos limites da racionalidade e da ordem simbólica.

Ainda de acordo com Bataille (2013), a criação artística é inseparável da experiência do excesso, da vertigem, daquilo que conduz o sujeito a confrontar o interdito e o abjeto. Assim, a ruptura na arte é também uma ruptura ética e existencial: ela nos força a habitar o limiar do que é possível dizer e representar.

Deleuze e Guattari, (1992), por sua vez, propõem o conceito de “linha de fuga” como mecanismo de criação e resistência. Para eles, criar é traçar linhas de fuga que escapem dos sistemas de dominação e subjetivação normativos. A arte, nesse sentido, é sempre um processo de desterritorialização, de rompimento com os territórios identitários fixos e os códigos já estabelecidos.

Como afirmam os autores, a arte é aquilo que resiste, logo, não no sentido de uma resistência passiva, mas como produção de diferença, como invenção de novos modos de existência. Ao se conectar com o inconsciente, com os fluxos de desejo e com a multiplicidade das forças em jogo, a arte se configura como espaço de ruptura radical, onde o sujeito se arrisca a criar a si mesmo — mesmo à beira do caos.

Nesse ponto, autores contemporâneos como Quinet (2005) aprofundam a articulação entre arte e a lógica da subversão. Para ele, a arte não é um reflexo da realidade, mas a ruptura que nos permite vê-la de outro modo.

Tal perspectiva desloca a arte de qualquer função meramente representacional e a insere no campo do real — no sentido lacaniano — como aquilo que irrompe, que não se deixa simbolizar totalmente. O real, enquanto impossível de ser totalmente dito, encontra na arte uma via de aproximação. Assim, a criação se torna um gesto ético, pois expõe o sujeito a seu próprio limite.

A lógica do inconsciente também se manifesta na forma como o artista trabalha com os materiais da cultura. Como afirma Benjamin (2012), toda obra carrega em si a tensão entre tradição e ruptura. O artista é aquele que, ao apropriar-se de elementos do mundo, os subverte, torce e reinventa, instaurando novos regimes de visibilidade e de sentido.

Essa operação não é aleatória, mas segue a lógica da pulsão, que, como define Freud (2010), é uma força constante, sem objeto fixo, que busca satisfação. A arte,

nesse sentido, funciona como um desvio da pulsão, uma via lateral em que o gozo se organiza em formas compartilháveis.

Ademais disso, é importante destacar que a ruptura na arte pode ocorrer não apenas no conteúdo da obra, mas em sua própria forma. A escolha por fragmentar, desorganizar, deformar ou silenciar certos elementos é, muitas vezes, uma maneira de expressar aquilo que não encontra lugar no discurso ordinário.

A Psicanálise compreende tais estratégias formais como modos de operar com o indizível, o traumático, o inassimilável. Como escreve Laplanche (1987), a criação artística pode ser vista como uma tradução possível da mensagem enigmática que o sujeito recebe do outro”.

A criação, portanto, é sempre relacional — não se trata apenas da expressão de um eu interior, mas de uma resposta ao outro, ao social, ao inconsciente. Nesse processo, a ruptura não destrói, mas funda; ela abre o espaço para algo novo. O artista, como diz Didi-Huberman (2011), é aquele que sabe que é preciso “recomeçar o visível” — não reproduzindo o que já está dado, mas instaurando outra forma de ver e de sentir.

Essa tarefa, contudo, exige coragem para habitar o vazio, suportar a angústia e arriscar-se no desconhecido.

Por conseguinte, como observa Benjamin (2012), a criação artística, em sua dimensão psicanalítica, é atravessada por rupturas que dizem respeito tanto à estrutura subjetiva quanto ao campo social. Produzir arte é lidar com o inconsciente, com o desejo e com a impossibilidade de dizer tudo — e é justamente nesse impossível que reside a potência do gesto criador.

Como ensina a Psicanálise, o que importa na arte não é resolver os enigmas, mas mantê-los em circulação, permitindo que novos sentidos surjam a cada encontro com a obra.

4 SUBJETIVIDADE NA ARTE: ENTRE O SINTOMA E O ATO

A subjetividade, na perspectiva psicanalítica, não é uma entidade coesa e autônoma, mas uma construção atravessada pela linguagem, pelo desejo do outro e pelas marcas do inconsciente. Na criação artística, essa subjetividade se manifesta em um movimento ambíguo e contínuo entre o eu e o outro, entre o interior e o exterior, entre o singular e o coletivo.

A obra de arte, longe de ser uma expressão pura de uma interioridade individual, constitui-se como uma interface que tensiona a identidade do sujeito e sua relação com o mundo. Didi-Huberman (2012) pontua que o processo criativo, portanto, é simultaneamente íntimo e intersubjetivo, pois parte de uma experiência

particular e a reinscreve no campo simbólico compartilhado.

Freud (2010) já apontava que os artistas operam com os mesmos materiais do inconsciente — desejos, fantasias, recordações infantis —, mas diferentemente do neurótico, conseguem dar forma socialmente aceitável a esses conteúdos.

Nesse sentido, a arte realiza uma espécie de transfiguração do eu, permitindo ao sujeito lidar com suas pulsões e conflitos ao projetá-los em uma forma externa, estética e comunicável. Como afirma o autor: “O artista sabe brincar com seus desejos recalçados e, por meio de sua arte, transforma-os em algo que também pode oferecer prazer aos outros” (Freud, 2010, p. 157).

Lacan, por sua vez, complexifica ainda mais essa relação ao situar a subjetividade como efeito da linguagem e, portanto, como estrutura de falta. Para ele, o sujeito se constitui no campo do Outro, sendo este o lugar da linguagem e do desejo que o antecede.

Nesse jogo entre o eu e o outro, a arte surge como um campo de enunciação que permite ao sujeito confrontar-se com sua divisão e, ao mesmo tempo, comunicar algo que não é plenamente significável (Lacan, 1998). A subjetividade artística, então, não é uma unidade expressiva, mas uma forma de habitar a divisão interna do sujeito.

Nesse sentido, a criação artística pode ser compreendida como um processo de negociação com o inconsciente e com a alteridade. É nesse processo que a obra emerge como um lugar de fala atravessado por vozes múltiplas — a voz do autor, a voz do outro, a voz da cultura, a voz do inconsciente. Como afirma Didi-Huberman (2012), “a imagem nos olha”, ou seja, a obra interpela o espectador, cria uma relação, desloca sentidos. A subjetividade do artista, assim, não é isolada, mas se constitui em relação com o mundo e com os significantes que o atravessam.

A alteridade, portanto, não está apenas fora do sujeito, mas dentro dele. A psicanálise demonstra que o eu é habitado por um outro que o desestabiliza. No processo criativo, esse outro se manifesta sob diversas formas: como inspiração, como trauma, como memória, como impulso. Como escreve Laplanche (1997), a constituição do sujeito passa por mensagens enigmáticas vindas do outro primordial — a mãe ou cuidador —, que precisam ser traduzidas ao longo da vida.

A arte pode ser compreendida como uma dessas traduções possíveis, ainda que sempre incompletas, dessas mensagens que marcam o sujeito desde o início.

Ademais disso, a subjetividade na criação não está limitada à figura do artista, mas se estende também ao receptor da obra. A arte convoca o outro a participar de seu enigma, a se implicar na experiência estética. Como observa Safrá (2012), a obra de arte é um acontecimento entre sujeitos, uma abertura ao encontro que permite novas configurações do existir.

Destarte, a subjetividade se desloca da interioridade individual para um campo de partilha simbólica, em que o espectador também projeta, interpreta, se emociona e se transforma.

Nas operações artísticas contemporâneas, esse trânsito entre o eu e o outro torna-se ainda mais evidente, especialmente quando artistas trabalham com a performance, a participação do público ou o engajamento político.

Nesses casos, a subjetividade artística se revela como uma construção relacional, situada historicamente e atravessada por discursos sociais.

Como argumenta Bourriaud (2009), a arte relacional inscreve-se em uma lógica de intersubjetividade, em que a criação é inseparável da experiência do outro.

A subjetividade, então, não é um dado, mas um processo: algo que se constitui no fazer artístico e na recepção estética.

Por conseguinte, pensar a subjetividade na criação artística é reconhecer que ela não se reduz à biografia do autor nem à expressão de uma essência interior. Safra (2012) reflete que a subjetividade, para a psicanálise, é o resultado de uma travessia pelo desejo, pela linguagem e pela alteridade. A arte, nesse contexto, funciona como um dispositivo que permite ao sujeito sustentar sua divisão, lidar com suas angústias e se relacionar com o outro de maneira simbólica.

Por final, a criação artística se revela como um modo de subjetivação, um trabalho do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo — e é nesse entrelaçamento entre o eu e o outro que reside sua força transformadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurou-se compreender a complexa relação entre a psicanálise e a arte, partindo da hipótese de que a criação artística constitui um campo privilegiado de manifestação do inconsciente, da subjetividade e de rupturas simbólicas. Com base na teoria freudiana, nas contribuições de Jacques Lacan, Jean Laplanche e outros pensadores contemporâneos, foi possível demonstrar que a arte, longe de se restringir à estética ou ao mero produto cultural, é uma linguagem singular de elaboração psíquica e uma forma de dar lugar ao sujeito diante da opacidade de sua própria existência.

Sigmund Freud, ao identificar a arte como uma via de sublimação das pulsões e como atividade próxima da fantasia inconsciente, estabeleceu um marco fundamental para a análise da criação artística. A arte, para Freud (2010), é uma estratégia do sujeito para lidar com seus desejos recalcados, conferindo-lhes forma e reconhecimento simbólico.

Nesse sentido, o artista realiza um trabalho análogo ao do psicanalista: transforma os conteúdos inconscientes em linguagem, conferindo sentido àquilo que inicialmente era inominável.

A partir das formulações lacanianas, observou-se que a arte não apenas representa, mas também revela as estruturas do inconsciente — marcado pela linguagem, pelo desejo do Outro e pela falta constitutiva do sujeito. Como demonstrado, o gesto artístico não é a expressão de um eu coeso, mas o testemunho da divisão subjetiva e da tentativa de habitar essa fenda de forma criativa.

A ruptura, como abordado no terceiro tópico, é um momento fundamental desse processo. Romper com sentidos estabelecidos, com formas canônicas ou com os próprios limites da representação é, para muitos artistas, uma via para acessar algo do real — aquilo que escapa à simbolização plena e que retorna como enigma ou desconcerto.

Ao tratar da subjetividade na criação artística, foi possível evidenciar que o sujeito criador se constitui em relação constante com o outro. A arte é sempre um ato entre sujeitos: envolve o autor, o público, o contexto histórico-social e os múltiplos discursos que atravessam a obra.

Como afirma Didi-Huberman (2012), a imagem não é apenas algo que vemos, mas algo que nos olha, que nos interpela e nos convoca a um encontro ético e estético. A subjetividade, nesse quadro, emerge como um processo intersubjetivo, instável, relacional e aberto ao desconhecido.

Outro ponto relevante que emergiu desta reflexão foi o papel da arte como dispositivo de resistência e transformação. Ao romper com o estabelecido e ao criar formas de dizer o indizível, a arte assume uma função política e existencial.

Ela permite ao sujeito inscrever-se no mundo, mesmo diante da impossibilidade de totalização, e ao mesmo tempo reconfigurar os modos de percepção, de sensibilidade e de convivência. Como destaca Bourriaud (2009), muitas práticas artísticas contemporâneas operam nesse regime de relacionalidade e de engajamento com o outro, criando espaços de negociação simbólica e de elaboração coletiva do sofrimento e do desejo.

Destarte, as interfaces entre psicanálise e arte revelam-se fecundas não apenas para pensar os modos de subjetivação, mas também para repensar a clínica, a cultura e a própria noção de humano. A arte não é apenas objeto de análise psicanalítica, mas também prática que partilha com a psicanálise o esforço de escuta do que escapa, do que insiste, do que retorna como resto de sentido.

Por conseguinte, conclui-se que a criação artística é uma prática de subjetivação que se constrói na tensão entre o eu e o outro, entre o desejo e a falta, entre a repetição e a ruptura. A psicanálise, ao oferecer instrumentos para compreender a

lógica do inconsciente e os processos de simbolização, contribui de maneira decisiva para ampliar nossa compreensão da arte e de seus efeitos no psiquismo e na cultura.

Fica evidente, ainda, a potência da arte como lugar de elaboração do sofrimento, de reinvenção de si e de abertura ao encontro com o outro.

Para pesquisas futuras, recomenda-se explorar mais profundamente as contribuições de artistas e pensadores contemporâneos que articulam arte, subjetividade e política, bem como investigar as práticas clínicas e educativas que utilizam a arte como ferramenta de escuta, expressão e cuidado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2004.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Editora Ática, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicopatologia do presente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Trad. Fabiana Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Maria Inês D. *Arte e loucura: a criação como suplência simbólica*. São Paulo: Zagodoni, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Marina Machado. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

FREUD, Sigmund. O poeta e a fantasia; Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: FREUD, S. *Escritos sobre arte e literatura*. Trad. Paulo César de Souza. São

Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte na psicanálise*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1997.

QUINET, Antonio. *O artista e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SAFRA, Gilberto. *A clínica psicanalítica e a estética do existir*. São Paulo: Escuta, 2012.

Este segundo volume, *Psicanálise – Estudos Coligidos*, dá continuidade a um percurso de investigação que alia rigor teórico e sensibilidade clínica. Reunindo autores e perspectivas diversas, a obra revisita conceitos fundamentais — como transferência, pulsão e desejo — à luz dos impasses contemporâneos e das novas formas de sofrimento psíquico. Longe de propor verdades definitivas, os estudos aqui reunidos sustentam a ética da escuta e a abertura ao inconsciente, reafirmando a psicanálise como campo vivo, em constante elaboração. Trata-se de um convite à reflexão crítica, ao diálogo entre gerações e à reinvenção contínua da prática e do pensamento analítico.

ISBN: 978-65-6068-205-4

